UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE MAX PFISTER - UMA RELEITURA"

Candidata: JUSSARA FALEX BRAUER,
Orientador: Doutor Luiz Carlos Nogueira

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências (Psicologia) - área de concentração Psicologia Clínica.

COMISSÃO JULGADORA

Doutora Eda Marconi Custódio

Doutora Marlene Guirado

Doutor João Augusto Frayze Pereira

Doutora Tania Maria José Aiello Tsu

Doutor Luiz Carlos Nogueira

DEFESA

1988

JUSSARA FALEK BRAUER

O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE
MAX PFISTER -
UMA RELEITURA

Tese apresentada ao
Instituto de Psicologia
da Universidade de São
Paulo, como parte dos
requisitos exigidos pa-
ra a obtenção do grau
de Doutor em Psicolo-
gia.

São Paulo, 1988.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira

Brauer, J.F. The Color Pyramid Test-A New Reading. São Paulo, (Tese de Doutorado),
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1988. 154p.

SUMMARY

The objective of this work is to relate our research have been done around the Max Pfister's Color Pyramid Test.

The concentration falls on the carpet pattern of form. On account of its peculiar evidence this occurrence among the poor population in the city of São Paulo, as learned through the last ten years of clinical experience and because it have been rarely researched as the majority german original bibliography shows.

We propose here by, a new reading to the Pfister's test, in wich allow us to understand the carpet pattern of forming the pyramid.

This new approach to the test consist in taking the color as a letter, as language.

The basis of this work is settled on the psychoanalytical theory, as it is written by Freud and Lacan.

The work inholds the discription of four illustrative clinical cases, followed by an exposition of our theoretical foundation, and of an explication how we pass through the Lacan concept of the Significant into the Pfister's test universe.

It contains also an appendix in wich are to find a bibliographycal resumé of the research made and a complete bibliography published relative to this item.

Brauer, J.F. Le Test des Pyramides Colorées de Max Pfister-Une Nouvelle Lecture.
São Paulo, (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia da Universidade de São
Paulo, 1988. 154p.

RESUME

L'objectif de ce travail est de présenter la recherche que nous avons développée sur le test des Pyramides de Max Pfister.

Notre intérêt principal c'est la structuration en tapis. Comme elle est un mode de structuration particulière à la population pauliste qui cherche les institutions de Santé Mentale, selon notre expérience clinique dans les dix dernières années, elle est peu recherchée par rapport au test, dont la bibliographie est originaire en tout partie en Allemagne.

Nous proposons une nouvelle lecture du Test de Pfister telle qu'elle nous permette de contenir la structuration en tapis.

Cette nouvelle lecture consiste à prendre la couleur comme lettre, comme langage.

Ce travail est fondé sur la théorie psychanalytique, surtout l'oeuvre de Freud et de Lacan.

Le travail contient la présentation de quatre cas démonstratifs, suivie d'une exposition de nos fondements et de l'explication du passage que nous faisons du concept du Signifiant de Lacan à l'univers du Test de Pfister.

Notre exposition contient encore un appendice, dans lequel nous avons fait un compte-rendu de la bibliographie sur le Test de Pfister, et aussi l'énumération complète de la bibliographie publiée sur ce titre.

AGRADEÇO

- Ao Dr. Luiz Carlos Nogueira, meu orientador, que soube acolher meu trabalho, e que contribuiu para a sua realização com sugestões exatas e de forma sempre muito amigável.
- Aos colegas Elisa Maria Parahiba Campos Ribeiro, Esterzita Botelho, Eliana Herzberg, Elisabeth Beker, Lídia Luciana da Rocha, Luis Carlos Nogueira, Helena Moreira de Souza Carmo, Vera Stela Telles, que assumiram por um semestre minha parte no trabalho docente nas disciplinas que ministramos juntos no IPUSP, o que permitiu que eu me dedicasse a escrever esta tese.
- Ao meu analista, Oscar Cesarotto, que me ouviu neste percurso.
- As amigas Ivete Piha Lehmann, Joana Helena Cunha Ferraz, Maria Lucia de Araújo Andrade, Roseli Penacchi, pelo incentivo que me deram.
- A Dra. Petra Halder - Zinn, que colocou à minha disposição toda a bibliografia alemã de que necessitei para minha tese.
- Ao Dr. Milton Clemente Grecco pelas sugestões metodológicas.
- A José Antonio Pedro Ferreira pelo precioso trabalho de revisão.
- A Profa. Dra. Clarisa Falek pela colaboração prestada.
- A J. Armando Waeny, pelo processamento do texto e das ilustrações.
- A Maria Lucia Prado pelo paciente trabalho de datilografia.
- A Franklin A. Brauer por todo apoio que me deu.

- A meus filhos Felipe e Vicente, que souberam me apoiar e toleraram junto comigo os sacrificios que escrever uma tese nos impõe em nossa vida pessoal e familiar.
- A meus alunos e pacientes, pelas questões que me colocaram, guiando minha reflexão.

A mem6ria de meu pai.

"Possa este teste descobrir
mais talentos verdadeiros do
que erros e ilusões, libertar
mais pessoas da dor das
psicoses do que sobrecarregá-
las, trazer mais alívio que
agravamento".*

(H. Rorschach)

* Do texto original em francês: "Puisse ce
test découvrir plus de vrais talents que
les métiers manqués et d'illusions, libérer
plus de gens de la peur des psychoses que
de les en charger, apporter plus de
soulagements que d'aggravations".

"Nenhum poder, um pouco de
saber, um pouco de sabedoria, e
o máximo de sabor possível".*

Roland Barthes

* Do original em francês "Nul pouvoir, un
peu de savoir, un peu de sagesse, et le
plus de saveur possible".

INDICE

- I. INTRODUÇÃO - pg. 01 à 14.
- II. ALGUNS RESULTADOS DE PÊSQUISA E DE APLICAÇÃO DO NOVO METODO - pg. 15 à 82.
- III. NOSSOS FUNDAMENTOS - pg. 83 à 99.
- IV. DO SIGINIFICANTE DE LACAN A COR NO TESTE DE PFISTER - pg. 100 à 109.
- V. CONCLUSOES - pg. 110 à 114.
- VI. APENDICE - RESENHA BIBLIOGRAFICA DA PESQUISA EXISTENTE EM TORNO DO TESTE DE PFISTER, - pg. 115 à 139.
- VII. LÉVANTAMENTO BIBLIOGRAFICO DOS TITULOS EXISTENTES EM TORNO DO TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS DE MAX PFISTER - 140 à 154.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

I - INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é relatar a pesquisa que venho desenvolvendo em torno do Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister.

Impõe-se que eu relate minha experiência pois tenho constatado que esta técnica tem sido pouco pesquisada nos últimos anos, fato que atribuo principalmente ao falecimento de seus pesquisadores mais eminentes: Robert Heiss na Alemanha e Theodorus van Kolck no Brasil.

Na Alemanha a Profa. Dra. Petra Halder, hoje Petra Halder-Sinn, co-autora do último manual editado para o Teste de Pfister, trabalha atualmente na Universidade de Giessen, em uma área que fica entre a Psicologia e a Criminalística, segundo informação contida em carta anexada no final deste capítulo.

O Prof. Spitsnagel, autor de uma extensa tese acerca do modo de estruturação das pirâmides, está também em Giessen, e também já não estuda o Teste de Pfister. Ocupa-se hoje da fala dentro da área de Psicologia Social, como informa a mesma carta.

Desta forma, fazendo uma revisão da bibliografia referente ao teste vemos que desde 1971 não foi publicado nenhum título importante nesta matéria na Europa.

No Brasil tem-se notícia de pequenos artigos. A Profa. Dra. Lúcia Carvalhaes Bonilha, que pesquisava o teste junto ao Dr. Theodorus van Kolck, interessa-se hoje em pesquisar o simbolismo dentro de uma abordagem junguiana. Eu fui uma das orientandas do Dr. Theo (como costumávamos

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

chamá-lo), figura importante em minha formação como Psicóloga, cuja influência se fez sentir em minha carreira. Trabalhava junto a ela na disciplina "Técnicas Projetistas em Psicologia Clínica", no Instituto de Psicologia da USP. Com seu falecimento fiquei encarregada da transmissão do Teste de Pfister, área em que o Dr. Theó me havia introduzido.

O ensino desta disciplina se dá no contexto de uma clínica escola, a Clínica Psicológica da USP. O aluno aprende o teste e o aplica nos pacinetes da Clínica, que estão em processo de psicodiagnóstico. Os protocolos destes pacientes são supervisionados em aula e foram utilizados por mim em minha pesquisa, que pôde dispor de todo o conjunto de dados levantados no estudo do caso.

Entendo-me como parte de um conjunto de pessoas dedicadas ao aperfeiçoamento do Teste de Pfister e, assim sendo, faço minha contribuição, esperando com isto inspirar novos trabalhos, de forma a reavivar a pesquisa nesta área.

Justifaca-se pesquisar este teste pois ele consiste um recurso valioso para o trabalho clínico.

É um teste que se aplica e se avalia com rapidez. Vejo nisto uma vantagem. Desta forma pode-se abreviar o tempo gasto no estudo de caso, etapa sem dúvida necessária no trabalho institucional, no momento em que se tem que decidir do encaminhamento exato a dar para cada caso. Etapa, no entanto, que atende mais a uma necessidade da instituição que ao paciente que a ela recorre. Neste sentido sou de opinião que ele deva ser abreviado, sem que isto acarrete prejuízo de sua qualidade bem como dos objetivos a que se propõe. O Teste de Pfister ajusta-se a este fim, de forma que pretendo deixar mais clara no decorrer deste texto.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Gostaria de lembrar, fazendo um parêntesis, que a etapa do estudo de caso consiste em um trabalho que objetiva produzir no paciente uma modificação de sua posição em relação ao sintoma que o traz à clínica. Para tanto oferece-se este tempo, durante o qual ele irá refletir sobre sua queixa enquanto inserida em sua história de vida e de seus relacionamentos familiares. O estudo de caso é considerado bem sucedido quando consegue transformar a queixa apresentada pelo paciente em uma questão.

O Teste de Pfister é, por outro lado, um teste não verbal, o que torna sua aplicação mais fácil no caso de pacientes de baixo nível de instrução, de pacientes psicóticos e em crianças, clientela que costuma recorrer ao atendimento institucional.

Tem um caráter lúdico, o que faz com que sua aplicação não desperte resistência na grande maioria dos casos, sendo indicado para uso em início de atendimento, tendo o intuito de facilitar o contacto com o paciente.

Ao lado de todas estas vantagens, o Teste de Pfister revela-se um instrumento bastante sensível, cujos resultados permitem uma integração interessante entre os testes de QI e os de personalidade.

Desenvolvi nos últimos anos uma nova forma de interpretação para o Pfister, motivada por uma dificuldade clínica.

A população com que trabalho é, em sua maioria, de classe sócio-econômica baixa, e produz caracteristicamente um tipo de resposta no Teste de Pfister: a pirâmide estruturada na forma de Tapetes. Este tipo de estruturação condiciona uma resposta de cor igualmente específica: todas as cores aparecem empregadas com uma frequência que fica em torno da média estatística, o que dificulta uma avaliação do teste com base na cor, já que, nenhuma cor se sobressai por seu uso excessivo ou escasso, não se podendo marcar nenhum traço de personalidade predominante no sujeito testado.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Impõe-se o aprofundamento de nossa compreensão deste tipo de protocolo.

A estruturação em tapetes consta na bibliografia específica ao Teste de Pfister como excepcional, aparecendo caracteristicamente nas pirâmides feias em oposição às estruturas que são características das pirâmides bonitas. Sendo mais frequente em mulheres de baixo nível de instrução do que em homens, aparecendo nestes entre os 45 e os 75 anos de idade.

Vale a pena ressaltar neste momento que estes dados, bem como a pesquisa existente em torno do item modo de estruturação da pirâmide, originam-se de trabalhos levados a efeito na Alemanha, o que deixa a impressão de que esses resultados dizem mais de uma especificidade da cultura alemã do que da estruturação em tapetes em si mesma.

Neste sentido venho notando que a população paulista de baixa renda porta-se de forma diferente, produzindo Tapetes no caso de homens, mulheres, crianças e adolescentes, tanto nas pirâmides bonitas como nas feias e numa frequência elevada. Nos últimos dez anos tive acesso a um número de 700 protocolos do Teste de Pfister, nos quais a estruturação em Tapetes é a grande maioria.

Desta forma, aquilo que aparece excepcionalmente na população testada nas pesquisas alemãs, é exatamente o que caracteriza a nossa, ao menos no que se refere aos casos examinados na Clínica Psicológica da USP, em hospitais psiquiátricos a cujos casos tenho tido acesso, em instituições de saúde mental que tenho acompanhado em função de meu trabalho como supervisora, em casos da vara de menores e da Febem.

A pesquisa em torno da estruturação em tapetes se impõe para que se possa dar o exato valor aos resultados obtidos no trabalho clínico, uma vez que fica insatisfatório interpretar tal tipo de produção como: forma desordenada, evidência de desassossego e falta de estabilidade,

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

desajustamento, evidência de perturbação, desintegração progressiva da personalidade, conforme a bibliografia específica ao assunto.

Uma vez que se trata de resposta muito frequente, parece-me pouco dizer que há toda uma faixa de população com estas mesmas características. É necessário mais, dado que as queixas apresentadas não são todas iguais, as histórias de vida também não; as pessoas são diferentes umas das outras em suma.

Desta forma, restam duas possibilidades: ou bem o Teste de Pfister é pouco sensível para a população carente que frequenta nossas clínicas, e deve neste caso ser descartado, ou bem a estrutura em tapetes, embora seja uma forma "desestruturada" de resposta, contém uma organização estrutural específica, capaz de nos conduzir a um diagnóstico que possibilite o encaminhamento exato do caso.

Esta segunda alternativa é justamente minha hipótese de trabalho.

Desejo provar que é possível uma outra leitura desta forma particular de resposta.

O artifício que vou utilizar para tanto é simples.

Ao invés de pensar a cor como número (1 vermelho, 2 azuis, 3 pretos), da forma como vem sendo feito na pesquisa do teste tal como se encontra na bibliografia disponível, pensarei a cor como letra.

Sendo a cor a sensação produzida pela luz sobre o órgão da visão, ela pode ser estudada a partir de diferentes ângulos: do ângulo da ótica na física, da química no sentido da produção de corantes, da fisiologia para o conhecimento mais aprofundado do órgão da visão, e ainda da psicologia na verificação de sua influência sobre o psiquismo.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O último ponto de vista foi justamente aquele que deu origem ao Teste de Pfister.

Em minha pesquisa, entretanto, não é este meu objetivo.

Não me proponho pesquisar a cor, mas a estruturação da pirâmide em tapetes. A cor é neste sentido o material de construção da estrutura.

A idéia de pensar a cor como letra apresentou-se válida para mim antes de mais nada como alternativa.

A cor havia sido tratada até o presente momento numericamente, através da contagem de etiquetas de cada cor empregada pelo testando e posteriormente trabalhada estatisticamente. Este trabalho mostrou-se fecundo, tendo habilitado o Teste de Pfister para a utilização clínica.

No caso da população paulista de baixa renda tal tratamento numérico mostrou-se entretanto insuficiente. Chegamos a um impasse.

Cabe salientar que nossos resultados confirmam os dados da pesquisa desenvolvida na Alemanha. O tapete é produzido por pessoas de baixo nível de instrução. Esta população é no entanto muito maior entre nós.

Tornou-se necessário desenvolver uma forma de trabalhar com esses dados.

Inspirada na teoria de Lacan ocorreu-me tratar a cor como letra, de uma forma que me proponho explicitar no decorrer do trabalho.

A orientação que imprime a análise do teste traz uma modificação principal que é a de ver o protocolo em sua singularidade, e não mais em comparação com grupos.

O tratamento estatístico trabalha em um sentido horizontal, comparando a pessoa a grupos para ver onde ela se encaixa.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Meu interesse no Teste de Pfister é clínico. Volto-me à pesquisa deste tipo de estruturação em busca da singularidade, da especificidade de cada protocolo, procurando uma articulação em seu interior, que pode aparecer ou não.

Assim sendo não pesquiso o impacto psicológico das cores, nem mesmo em última análise a estruturação em tapetes, mas a resposta singular dada ao teste.

Tomei para isto a cor como letra, isto é, fora do sentido, abstraindo o simbolismo universal atribuído a cada cor dentro da bibliografia relativa ao Teste de Pfister, buscando encontrar a articulação dada pelo sujeito às cores dentro de cada pirâmide e na sequência de seis pirâmides.

A cor foi tomada como material empregado na construção da pirâmide, e foi estudado o modo como foram colocadas as cores na figura, segundo sua repetição.

As pirâmides bonitas e feias não foram interpretadas como conteúdo manifesto-conteúdo latente do material, ou aspecto consciente-aspecto inconsciente, como se costuma fazer, mas como dois sistemas acabados que, por terem sido produzidos pela mesma pessoa, devem portar um traço comum, o estilo, a marca de quem os produziu.

Partindo dos conceitos freudianos de Condensação e Deslocamento, que transpus para o universo do Teste de Pfister, busquei em minha análise verificar se os protocolos portavam a articulação de uma questão da pessoa nestes termos, a saber, de condensação e deslocamento.

Penso, no entanto, que minha forma de análise não invalida a existente na bibliografia.

A estatística estabelece padrões de comparação com grupos nosológicos, de idade, de instrução, sexo, etc. Faz um recenseamento da população.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Entendo que estas duas formas de trabalho podem chegar a se complementar e enriquecer no momento da avaliação de um protocolo.

A partir da normalização estatística posso ter uma idéia da situação do sujeito em relação a seu grupo de idade, sexo, grau de instrução, profissão, etc. A análise qualitativa do protocolo esclarece sua singularidade. Quando, por exemplo, se está diante de uma dificuldade escolar ou profissional, a análise qualitativa indica se ela decorre de uma limitação da pessoa ou se, em caso negativo, aponta para uma questão existencial que se articula ao nível de seu desempenho escolar ou profissional, no caso de nosso exemplo.

Penso mesmo que aquilo que se costuma chamar de experiência clínica, aquilo que o profissional adquire após um certo tempo de trabalho, é uma certa estatística que lhe permite avaliar seus casos em comparação com outros que já viu.

Escolhi meu caminho em função, em primeiro lugar, do fato de ter-me encontrado em uma situação limite, na qual era necessária uma visão qualitativa dos protocolos.

Em segundo lugar por ter em mente a história das técnicas projetivas, grupo de testes a que o Teste de Pfister pertence.

Elas surgiram na Escola Suíça de Psicanálise. Deste berço saíram o Teste de Jung, de Associação de Palavras, no ano de 1904, o Teste de Rorschach, no ano de 1920; o Teste de Koch, em 1949. o Teste de Pfister em 1949, e outros.

É interessante, a reconstrução do encontro da Psicanálise com a cultura suíça, pois em torno dele e da figura de seu protagonista, o pastor Oskar Pfister, se vê delineada a função pedagógica que a Psicanálise vai adotar neste país.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Oskar Pfister (1873 - 1956), pastor protestante suíço, foi, ao lado de Bleuler, um dos fundadores da Sociedade Suíça de Psicanálise, da qual fazia parte também Hermann Rorschach.

Pfister ocupou-se sobretudo em denunciar a excessiva oposição imposta pela educação às pulsões e à sexualidade. Sua preocupação concerne acima de tudo ao bloqueio intelectual produzido pela inibição das curiosidades sexuais precoces.

Neste ambiente cultural começam a surgir os testes que seriam agrupados em 1939, por L. K. Frank, sob a rubrica de "Técnicas Projetivas". Os autores destas técnicas passam a pensar a imaginação e a genialidade como estilo individual e não mais como aptidão, forma como vinham sendo pensadas até então.

Estas provas têm em comum um método próprio, diferente daquele que fundamenta os testes psicométricos. Seu material é propositadamente ambíguo e as respostas são livres, não havendo resposta certa ou errada.

Tendo lançado seu teste imediatamente após a publicação da "Psicopatologia da Vida Cotidiana", de Freud, Jung inspira-se inegavelmente nesta obra tanto quando pede associações de palavras ao testando, na forma da prova portanto, quanto ao eliminar o certo-errado, critério de avaliação dos testes psicométricos.

Freud descobrira no erro e no esquecimento, na "Psicopatologia da Vida Cotidiana", uma via de acesso ao inconsciente. Cavia então propiciar o engano para nele buscar a marca de quem o produziu.

Este é o princípio da construção das técnicas projetivas. Elas oferecem um estímulo ambíguo para dar lugar à subjetividade do testando.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Quinze anos mais tarde Roschach, formado como Jung na escola de Psiquiatria, de Bleuler em Zurique, empenhado também na prática da psicanálise, volta a inovar. Os testes de manchas já eram conhecidos havia alguns anos, sendo empregados numa abordagem psicométrica da imaginação.

Roschach introduz o estudo da imaginação do ponto de vista do estilo e não mais como aptidão, dando origem ao teste que conhecemos hoje.

O desenho livre é uma terceira fonte histórica de testes projetivos. Entre os anos de 1920 e 1930 os psicanalistas estendem o atendimento às crianças e, na impossibilidade de se utilizarem da expressão verbal, ainda pouco amadurecida neste tipo de clientela, desenvolvem o desenho livre como instrumental capaz de suscitar associações livres. A pedagogia da época utilizava-se do desenho como forma de avaliar o desenvolvimento intelectual da criança. A partir desta época passou abordá-lo do ângulo do estilo.

Murray, em 1935, nos Estados Unidos, cria o primeiro teste inspirado na técnica do relato livre: O teste de Apercepção Temática, ou TAT, como é conhecido.

Os testes projetivos que empregam o desenho são mais recentes.

Em 1949, ainda na Suíça, Koch publica o teste da árvore, e Machover nos Estados Unidos o teste do desenho da figura humana, muito pesquisado entre nós pela Dra. Odete Lourenção van Kolck.

Em 1949 surge, em uma apresentação feita nas "Jornadas Suíças de Psicologia", realizadas em Lausane, o Teste de Max Pfister.

Este trabalho estava neste momento em fase embrionária, e suas conclusões apoiavam-se mais em um processo de observação intuitivo de Pfister, do que em comprovações científicas.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Minha retrospectiva histórica aponta para uma convergência entre a Psicanálise e o surgimento das assim chamadas Técnicas Projetivas.

As datas são próximas, os autores dos testes são os mesmos que protagonizam a história do movimento psicanalítico na Suíça, mas antes de mais nada a subversão trazida com o surgimento destes testes, em sua preocupação com o estilo individual, é a marca que eu gostaria de ressaltar como a mais importante.

E gostaria de ressaltar isto para sublinhar a segunda razão da escolha do rumo que dei à minha pesquisa.

Parece-me perfeitamente pertinente seguir em meu trabalho a fundamentação psicanalítica, uma vez que é a própria psicanálise que inspira o surgimento das técnicas projetivas e oferece a fundamentação da sua construção.

Sendo assim, procuro trazer os progressos que a psicanálise alcançou na escola francesa para esta área, o que não deixa de estar relacionado com meu "estilo" pessoal, e com minha formação teórica e clínica.

Não pretendo com isto afirmar que este é um trabalho do campo psicanalítico, mas uma aplicação de determinados conceitos à área das técnicas projetivas.

Pode-se ler em Anzieu (1978) que um TAT equivaleria a uma psicanálise abreviada.

Não concordo com esta afirmação. As diferenças existentes entre as duas situações são evidentes por si mesmas.

No discurso analítico a palavra é antes de mais nada do analisante. Na estrutura do discurso analítico o significante indica o sujeito do inconsciente.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

No Teste de Pfister, quem oferece as cores é o psicólogo. Uso o termo significativo, não para afirmar que ele representa o sujeito do inconsciente, mas enquanto um dos termos signo linguístico.

O que se busca na avaliação de um Teste de Pfister não é a "captura" do inconsciente do testando, mas o estabelecimento de um diagnóstico diferencial, a partir das estruturas clínicas tal como aparecem descritas pela Psicanálise.

No caso dos Tapetes, por exemplo, abre-se um leque de possibilidades. A resposta pode ser indicadora de psicose, de deficiência mental, de neurose obsessiva, para citar apenas algumas.

Trata-se de buscar a alternativa correta, o que nos permitirá decidir sobre o encaminhamento do caso.

Concluo esta introdução com mais umas poucas palavras, acerca dos Testes Projetivos e da escola psicodinâmica suíça.

Os autores que citei nesta introdução, entre eles Pfister, sonharam que através da análise precoce das crianças poder-se-ia chegar a suprimir a neurose do adulto.

Sonharam também subverter a forma de avaliação das pessoas através da criação de testes que tivessem em conta o indivíduo e sua história.

Penso que a transposição das idéias freudianas para a área da educação ocasionou mudanças importantes e produtivas.

Penso, por outro lado, que produziram um efeito indesejável que foi o de retirar dos pais a responsabilidade pela educação de seus filhos, fazendo da análise de crianças uma pedagogia.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Por outro lado, os testes projetivos, que nasceram da Psicanálise, foram tratados depois estatisticamente, afastando-se de sua origem.

Como dizia em páginas anteriores, por ser uma outra forma de ver o teste, esta forma não é por isto errada. É apenas "outra forma"; que complementa e enriquece, e que pode servir a uma análise que parte de uma fundamentação psicanalítica, mas também a uma análise de orientação psiquiátrica.

E mais a uma concepção psiquiátrica do sintoma que se opõe meu trabalho, do que à metodologia estatística em si mesma.

Digo psiquiátrica no sentido de ver o sintoma como uma entidade em si, desvinculada de um sujeito e de uma história.

Ao trabalhar a cor como linguagem que se articula no decorrer das 6 pirâmides estou supondo um sujeito que fala através dela sem o saber, de forma estruturalmente semelhante à que fala de seu desejo no sintoma, palavra emudecida, estranha e ele.

Busco imprimir uma postura psicanalítica ao trabalho de diagnóstico psicológico, uma visão de sintoma como metáfora e não como doença e neste trabalho tento criar um caminho que possibilite esta aproximação.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPITULO

1. Alexander, F; Eisenstein, S.; Grotjahn, M. - "A História da Psicanálise através de seus pioneiros" Imago Editora - 1981.
2. Anzieu, D - "Os métodos projetivos" - Editora Campus Ltda. - 1978.
3. Fine, R - "A história da Psicanálise" - LTC, EDUSP - 1981.
4. Finzi, S.V. - "Storia della Psicanalisi" Arnoldo Mondadori Editore, 1986.
5. Freud, S - "Correspondência de Amor e outras cartas". - Editora Nova Fronteira - 1960.
6. Pfister - O. - "Au vieil Evangile par un chemin nouveau" - Ernest Bircher, Editeur - 1920.

JUSTUS - LIEBIG - UNIVERSITÄT GIESSEN

FACHBEREICH 06 PSYCHOLOGIE
PROF. DR. P. HALDER-SINN

┌ Fachbereich 06 Psychologie, Otto Behaghel-Straße 10, 6300 Gießen ┐

Mrs.
Jussara Falek Brauer
Av. Arruda Botelho, 570, Apt.62

05466 Sao Paulo
Brasilien

6300 Gießen, den 15.10.1986
Otto Behaghel-Straße 10
Telefon (0641) 702-5398
Telex 482956

Sehr geehrte Frau Brauer,

wie ich Ihrem Mann telefonisch bereits mitgeteilt habe, beschäftige ich mich seit meiner Doktorarbeit im Jahre 1970 nicht mehr mit Forschungsarbeiten zum Farbpyramidentest, von einigen Übersichtsartikeln und von dem Handbuch zum Farbpyramidentest von 1975 abgesehen. Ich kenne auch niemanden in Deutschland, der dies noch tut, zumindestens wird meines Wissens nichts mehr darüber publiziert.

Ich arbeite inzwischen auf einem Grenzgebiet zwischen Psychologie und Kriminalistik. Ich untersuche die Bedingungen, unter denen gute oder schlechte Schriftnachahmungen oder geglückte oder mißglückte Schriftverstellungen entstehen. Auf diesem Gebiet ist bisher nur sehr wenig geforscht worden und es liegt wohl etwas abseits Ihrer bisherigen Interessen.

Herr Prof. Spitznagel, der ebenfalls an unserem Fachbereich in Gießen tätig ist, beschäftigte sich meines Wissens nach seit seiner Studienzeit nicht mehr mit dem Farbpyramidentest. Die Arbeit, die Sie erwähnen, ist glaube ich seine Vordiplomsarbeit, die er noch während des Studiums angefertigt hat. Er beschäftigt sich heute mehr mit Sprach- und Sozialpsychologie, forscht aber auch noch insofern im Bereich der Diagnostik, als er sich mit sozial-psychologischen Aspekten der diagnostischen Situation beschäftigt. Dabei steht unter anderem die Frage im Vordergrund, unter welchen Bedingungen mehr oder weniger "Selbstenthüllung" (im englischen finden Sie einschlägige Literatur unter dem Stichwort "self-disclosure") der Probanden in der diagnostischen Situation zu erwarten ist. Vielleicht kommt dieses Gebiet Ihren Interessen mehr entgegen.

Es tut mir leid Ihnen nicht mehr helfen zu können und ich verbleibe

mit freundlichen Grüßen
Ihre

(Prof. Dr. Petra Halder-Sinn)

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

CAPITULO II

Alguns resultados de pesquisa e de
aplicação clínica da nova leitura

Passo agora ao relato de 3 casos atendidos na Clínica Psicológica da USP e um caso atendido pela Secretaria de Promoção Social do Estado de São Paulo.

Eles ilustram algumas possibilidades de estrutura em tapetes ao mesmo tempo que a aplicabilidade da interpretação que proponho para o Teste de Pfister na Clínica.

A escolha de 4 casos ao invés de 5 ou 20 prende-se ao fato de eles ilustrarem individualmente possibilidades interessantes que apareceram em minha experiência.

A partir deste tipo de análise que vou propor, fatalmente cada caso será diferente do outro, uma vez que o próprio modo como vou enfocar os protocolos toma-os em sua particularidade. Quero dizer que a partir do tipo de abordagem que proponho não é possível estabelecer nenhuma generalização estatística, uma vez que já por princípio estou buscando a singularidade de cada protocolo. O que há em comum é a estruturação em significante, que se aplica a todos os casos.

Nesse sentido o relato de 4 casos poderia até ser substituído pelo relato de apenas 1.

Desejo demonstrar entretanto a aplicabilidade da análise de significante no caso do Teste de Pfister, bem como o tipo de intervenção clínica que ela propicia.

Os casos apresentados aqui foram atendidos pelos alunos do IPUSP, estagiários da disciplina de Métodos de Exploração e Diagnóstico em Psicologia Clínica.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Tive acesso a esses protocolos como supervisora do Teste de Pfister, e eles foram posteriormente integrados aos estudos de caso.

Juntarei aos protocolos um resumo das entrevistas iniciais, focalizando a queixa e seus desdobramentos. O encaminhamento dado aos casos será comentado, bem como algum elemento de sua situação atual, quando isto for possível.

O fato de não terem sido atendidos diretamente por mim os casos aqui apresentados merece ser valorizado em duas direções antagônicas.

É negativo uma vez que fica perdido todo o colorido do contato transferencial estabelecido na situação de teste.

Fica, no entanto, positivo por propiciar uma avaliação praticamente às cegas do protocolo.

Esta avaliação embasa-se em um referencial psicanalítico.

Ela guarda, no entanto, uma certa distância da prática analítica que a inspirou.

Em primeiro lugar porque ela costuma ser levada a efeito depois do contacto com o paciente, portanto fora da relação transferencial, sem deixar de lavá-la evidentemente em conta.

Em segundo lugar pelo fato de que o engano que engendra a resposta do probando é suscitado pelo material de teste, não é espontâneo, não é movido pelo desejo do sujeito.

Em terceiro lugar porque é na análise que se opera a decifração do sintoma, que ao nível do teste é demarcado apenas em sua estrutura.

Tudo isto não invalida que se faça uso dos conceitos lancinianos neste contexto do psicodiagnóstico.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Foi justamente o desejo de ver focado o sintoma segundo a ótica psicanalítica que me orientou na elaboração de minha pesquisa.

Se o estudo de caso é a porta de entrada de um paciente em uma instituição, é fundamental que haja uma coerência entre a concepção que se tem do caso e a forma como ele é avaliado e encaminhado. Busco em meu trabalho refletir sobre esta etapa do atendimento de tal forma a torná-la consistente e acessível ao profissional que parta como eu de um embasamento teórico psicanalítico.

Constata-se, que a prática de psicodiagnóstico, embora influenciada pelas ideias psicanalíticas, acha-se ainda fortemente impregnada de uma metodologia médica e de uma concepção psiquiátrica.

Pretendi em meu trabalho depurar a avaliação do Teste de Pfister, no sentido de torná-lo coerente com o referencial psicanalítico que embasou a própria construção do teste (ambiguidade, favorecimento do erro).

Não pretendo com isto dizer que ele seja suficiente em si no trabalho de encaminhamento dos casos, nem que não possa ser substituído por outros. Apenas que é um instrumento com características particularmente propiciadoras de um trabalho rápido, agradável ao probando, e eficiente quanto às conclusões que sua utilização acarreta.

Finalmente, a análise que proponho permite uma avaliação da queixa dentro do contexto da história do paciente e de suas relações familiares, e não mais em comparação a grupos nosológicos externos.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

CASO I

NOME: R L T
IDADE: 7 ANOS
SEXO: MASCULINO
NACIONALIDADE: BRASILEIRA
COR: BRANCA
ESCOLARIDADE: PRE-PRIMARIO

R é portador de uma deficiência de potássio no sangue.

Apresenta problema renal, coordenação motora deficiente, problemas com a dentição, problemas foniátricos, e de crescimento.

Traz também uma queixa escolar. A mãe não permitiu que a criança fosse promovida para a primeira série por achar que ela não teria condições de acompanhar a classe.

A mãe quer saber se R tem algum problema mental e se deve colocá-lo em escola normal ou especial.

R tem duas irmãs mais novas e a mãe percebe diferenças entre os filhos, avaliando-o como anormal em relação a elas.

A deficiência de potássio de R é genética, sendo ele acompanhado por médico e dentista em função da mesma. Também em função disto submete-se a um tratamento fonoaudiológico no IPUSP.

R fazia o pré-primário pela segunda vez na ocasião do estudo do caso.

Tinha dificuldade em acompanhar a classe, em fazer cópia. Sua mãe o ajudava reclamando do fato de R ser muito esquecido, distraído, não ter boa memória.

R tinha amigos e gostava de brincar com as irmãs e amigos na rua e na escola. Relacionava-se bem com a professora.

A mãe de R teve 4 filhos.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Seu primeiro filho faleceu com 1 ano de vida, em virtude da falta de potássio. Quando esta primeira criança veio a falecer Dona A já estava grávida de R, tendo nesta ocasião ficado com medo de ter outro filho com o mesmo problema.

Dona A passou bem durante a gravidez tendo R nascido de parto normal com peso e tamanho normais.

Aos dois meses R teve uma diarreia, ocasião em que Dona A solicitou ao médico que fosse feita uma dosagem de potássio. No exame foi constatada a deficiência. Desde então a mãe cerca R de cuidados. Evita que ele chore, que sue, que vomite ou que adoça. Foi internado por duas vezes: uma aos 4 meses com desidratação, outra com 1 ano, com infecção de garganta e baixa taxa de potássio. Por ocasião dessa segunda internação R já engatinhava, mas ao sair do hospital teve de aprender tudo de novo.

Sua idade óssea é de 4 anos. R teve seu desenvolvimento perturbado pela afecção orgânica. Sentou e engatinhou em época correta, tendo porém a segunda internação hospitalar interferido neste desenvolvimento retardando-o. Aprendeu a falar em época correta, desenvolvendo depois um problema de fala. Apresentou falta de apetite e sono agitado.

O pai de R acha que ele deve fazer força para cuidar-se sozinho.

- Trago este caso por julgá-lo de interesse em vários níveis.

Em primeiro lugar, a adequada avaliação da criança é do interesse da própria criança e de sua família.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O pedido é claro. Desejam saber o alcance da deficiência do menino. Até que ponto está comprometido. Se pode levar uma vida escolar normal. Se a deficiência de potássio leva a deficiência mental.

As consequências da intervenção do Psicólogo são sérias no que tange o futuro desta criança.

Mais ainda por não se conhecer, no plano da Medicina, a resposta para esta questão.

As entrevistas iniciais sugerem um comprometimento do desenvolvimento ocasionado pelas internações, pela preocupação da mãe em proteger a criança.

A própria situação escolar atesta isto - Repetiu o prê por decisão da mãe.

Isto pode ficar como hipótese diagnóstica, mas que neste caso envolve inúmeras sutilezas.

Se o cuidado excessivo dispensado pela mãe pode ter promovido um comportamento infantilizado do menino, por outro lado pode perfeitamente ser responsabilizado por sua sobrevivência. Veja-se para isto o fato de o primeiro filho do casal ter morrido em decorrência do mesmo quadro, com um ano de vida.

Quanto aos outros exames temos:

- No exame fonoaudiológico R mostra-se tímido. Fala pouco e baixo, não conversa. Mostra ouvir e entender o que se diz. Desconhece os interrogativos, dando respostas inconsistentes ao que lhe é perguntado. Executa ordens ao nível de uma criança de 4 anos e mesmo assim só parcialmente.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Demonstra possuir sequência lógico-temporal mas não consegue reproduzir histórias em função de sua verbalização apresentar-se truncada.

Inverte, omite e troca algumas letras e às vezes pedaços de palavras.

Tem dificuldade em nomear partes de seu corpo.

Não possui a noção de direita e esquerda.

Tem dificuldade em nomear formas.

Possui os conceitos grande/pequeno e maior/menor, não possuindo os conceitos de igual/diferente.

Demonstra possuir a noção do tempo, mas não consegue organizar sequências temporais em cartelas.

Tem dificuldade em nomear as cores.

Através da avaliação conclui-se que R apresenta atraso global do desenvolvimento de linguagem.

Sabemos no entanto, a partir das entrevistas, que R falou no momento esperado de seu desenvolvimento, tendo sido prejudicado posteriormente nesta habilidade.

Fica a dúvida: que valor dar ao resultado do exame fonoaudiológico? O atraso na fala é sintoma ou deficiência?

- NO CAT o que mais se destaca no material é a marcante imaturidade, quer quanto a possibilidades de organização dos processos intelectuais, quer a nível de expressão e integração de experiências afetivo-emocionais
- O teste de Bender indica problemas na organização perceptivo-motora, portando um indicativo de lesão cerebral, R está abaixo da produção média de uma criança de 6 anos de idade.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

- O teste de Machover levanta suspeita de deficiência mental e deterioração.
- O teste de WISC atesta

QI verbal	47
QI execução	62
QI total	50

Nível intelectual - deficiência mental.

A parte verbal mostra um rendimento homogeneamente rebaixado.

A parte de execução, por outro lado, não é homogênea, apresentando um desempenho sensivelmente melhor em completar figuras, arranjo de figuras e um pouco melhor em labirinto, provas pelas quais R mostra-se interessado.

- O exame médico nos revela que a doença de R é grave e rara, denominada Síndrome de Bartter, sendo o médico consultado um pesquisador do assunto conjuntamente com o próprio Dr. Bartter, que dá nome ao quadro.

R tem o rim lesionado em decorrência da falta de potássio.

O médico afirma que a deficiência de potássio pode acarretar lesão cerebral e recomenda exame neurológico.

R está sendo medicado no sentido de controlar a taxa de potássio no sangue e está crescendo agora.

A moléstia de Bartter é uma doença que compromete a transmissão nervosa e pode levar à morte, pois, sem o potássio, a fibra cardíaca é paralizada.

- No exame neurológico constatou-se que R é

muito lento, globalmente comprometido, estando abaixo do esperado para a idade.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

As radiografias são normais e a tomografia é quase normal, havendo uma pequena dilatação ventricular esquerda com atrofia cortical.

Conclui por um diagnóstico de deficiência mental.

Todos os exames parecem constatar a evidência inicial. R apresenta-se com seu desenvolvimento retardado. Não ajudam no entanto a compreender a sutileza sugerida pelo caso, o porquê disto.

A criança é encaminhada para classe especial com o diagnóstico de deficiência mental, e os pais encaminhados para acompanhamento psicológico.

A mãe não se conforma com o encaminhamento dado ao filho. Não o considera excepcional e acha que a classe especial pode fazê-lo piorar, no que é seguida pelo pai.

O casal tem dificuldade em acatar a orientação dada ao caso e em submeter-se ao atendimento. Comparecem às 2 primeiras sessões discutindo sempre essas questões e na véspera da terceira sessão entram em contato com a estagiária comunicando sua decisão de encerrar o atendimento na Clínica.

O Protocolo de Pfister

- Sobre a aplicação

Como a mãe havia referido um possível não reconhecimento das cores por parte da criança, a aplicadora fez, antes da aplicação, uma verificação deste fato.

Começou mostrando a cartela de cores e perguntado o nome das mesmas. Como R errava o nome de todas as cores, a aplicadora resolveu inverter o procedimento, pedindo que a criança encontrasse etiquetas das cores que ela iria indicar. R continuou errando.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A aplicadora explicou então que ele poderia pensar com calma e apontar assim que tivesse encontrado a cor certa. R acertou então todas as cores e o teste pôde então ser aplicado.

(O Teste de Pfister não é válido para sujeitos que tenham problemas de visão e de percepção das cores).

R compreendeu perfeitamente as instruções e gostou muito de fazer o teste, mostrando-se muito interessado.

R não reconhece o branco como uma cor. Ao colocá-la na pirâmide pergunta: "Que que é? É nada?" - chama o branco de nada.

R parece não perceber a pirâmide como um todo, e quando é perguntado pela pirâmide mais bonita aponta as cores e não as pirâmides.

Considera bonita a segunda pirâmide feia.

Ao terminar o teste diz ter gostado muito, e sai da sala sorridente.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA.

- O Protocolo

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

- O Protocolo

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pirâmides Bonitas

I

Foram marcadas as etiquetas:

- Az2 na posição 1 e 5d.
- Az4, Az3 e Az2 nas posições 4b, 4c e 5d, por estarem entre si numa relação de degradê. Marco habitualmente esses degradês quando assim ocorrem pois estão mostrando uma tendência à camada monocromática: "toda a pirâmide é constituída usando uma única cor. Um caso especial dessa variação é uma pirâmide contendo inúmeras linhas em diferentes matizes da mesma cor" (Schaie e Heiss, pg. 50).
- La1 nas posições 3c, 5b e 5e.
- Vd3 nas posições 2a e 2b.

Esta primeira pirâmide seria um tapete, passível da classificação em tapete desequilibrado por apresentar etiquetas contíguas da mesma cor (Vd3), bem como contraste de cor (Vd1, P, La1, - Vm1, Az4, - La1, Vi3).

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pode entretanto marcar algumas tendências importantes à estruturação.

A linha 2 seria uma camada em Vd 3.

O ~~La~~1 liga a terceira e a quinta linhas em uma relação de 3 pontos, formando um triângulo excêntrico à figura piramidal oferecida ao sujeito.

O Az2 liga a primeira e a quinta linhas, bem como a quinta e a quarta linhas, as duas últimas em uma relação de dégradée.

II

Esta pirâmide guarda com a primeira algumas constâncias estruturais.

Pode-se mesmo dizer que ela é um pequeno deslizamento da primeira pirâmide.

O Az2 mantém-se na posição 1, ligando-se à quinta linha nas posições 5b e 5c, aqui no entanto em 3 pontos e não mais em 2, como na primeira pirâmide bonita.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Az4, Az3 e Az2 ligam-se ainda em degradê, só que mudando de linha e de lado; Az4 está na posição 3a, Az3 na posição 4a e Az2 em 5b e 5c.

O Vm3, e o Vm4 formam mais um pequeno núcleo degradê nas posições 5d e 5e.

Nesta segunda pirâmide notamos novamente as tendências à camada policromática, representada na linha 2 pelo verde 3, nesta pirâmide através do verde 2, e à camada monocromática ainda no Az4, Az3, Az2 e no Vm4 e Vm3.

O azul 2 liga ainda as linhas 1 e 5 em uma relação de 3 pontos, formando um triângulo excêntrico à figura piramidal oferecida ao sujeito.

III

Aqui desenha-se uma constância ao mesmo tempo que um deslizamento.

A constância é verificada na assimetria da figura estruturada pelo sujeito.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Como na segunda pirâmide bonita, o peso está à esquerda da figura, marcado pelo vermelho (Vm1 e Vm2), que se concentra entre a terceira e a quarta linhas.

A assimetria permanece, sendo agora marcada pelo vermelho ao invés do azul.

A segunda linha é ainda uma camada, como nas duas figuras anteriores. Desta vez, no entanto, vem colorida pelo Laranja1, cor significativa da primeira pirâmide bonita, onde desenhava um triângulo excêntrico à figura.

Cumpra marcar que, para as 3 pirâmides bonitas, o ápice da pirâmide vem colorido pelo Azul2.

A tendência à camada monocromática observada nas duas primeiras pirâmides repete-se na terceira. Naquelas, no mesmo azul que desenhava a assimetria da figura, nesta terceira em vermelho, cumprindo o mesmo papel.

O vermelho 1 da terceira e quarta linhas desenha um triângulo.

Da observação das 3 primeiras pirâmides bonitas resulta o seguinte:

- As linhas 1 e 2 estão estruturadas de uma forma constante que se repete nas três figuras: Az2 no topo e a segunda linha em camada (Vd3 na pirâmide I, Vd2 na pirâmide II e La1 na pirâmide III), indicando uma forma de relacionamento rígida e compartimentalizada.
- E nas três linhas inferiores da pirâmide que se tece o "problema" que se apresenta como uma questão que envolve a simetria da figura, que aparece sempre imperfeita, excêntrica em relação ao eixo, pesando mais ora para o lado direito, na primeira figura, ora para o lado esquerdo, nas duas figuras subsequentes.

Tudo isso se passa em uma figura cujos contornos não se encontram demarcados.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O observado cabe na definição de condensação e deslocamento apresentada nos capítulos que se seguem.

Desta forma, a pirâmide bonita I é resultante da condensação das cadeias associativas ou deslocamento de Verde, Laranja e Azul.

A pirâmide bonita II condensa Azul e Verde, que deslizam da pirâmide I e mais o Vermelho.

A pirâmide bonita II condensa o Vermelho que desliza da pirâmide II e o Laranja que vem da pirâmide I, mantendo-se o Azul do topo nas três figuras.

A pirâmide III é um resultante da superposição da primeira e da segunda pirâmides, com a eliminação do Azul, é uma condensação das duas figuras anteriores.

E ainda:

O acima observado confere com a queixa e com o observado no início da aplicação: quanto à cabeça, é ponto pacífico, o probando porta-se sempre igual, rigidamente - como deficiente?

Se observarmos o início da aplicação do teste vemos que ele parece nem conhecer o nome das cores. Erra sistematicamente, até que a atitude compreensiva da aplicadora consegue deixá-lo à vontade para poder acertar uma vez.

A problemática fica mais ao nível da percepção do corpo de R, que resulta a partir do construído no teste como assimétrico, "deformado", ou portador de vários tipos de sintomas, que, pelo que se pode ver no teste, teriam uma estrutura de condensação, uma estrutura de palavra, e seriam portanto sintomas no sentido analítico do termo.

Passemos agora à análise da sequência de pirâmides feias.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pirâmide Feia I

Temos ainda o Azul2 no ápice da pirâmide.

A tendência a camada que se concentrava nas pirâmides bonitas na segunda linha, reaparece aqui na segunda linha em Ma1 e também na quarta linha em Vm2.

Surge ainda uma relação de degradê nas duas camadas que cortam esse tapete em início de estruturação, estabelecendo como que uma assimetria compensada na terceira linha à direita, na quinta linha à esquerda.

Esta figura condensa mais uma vez aquilo que vinha sendo estruturado nas pirâmides bonitas:

- O Azul2 no topo.
- As camadas, e portanto a compartimentalização, que se amplia aqui, mas que também torna a figura mais estruturada.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

R já pode integrar mais a percepção do todo, mas restam duas "camadas" de tapetes, de confusão, que se ligam com as camadas anteriores, trazendo a assimetria, o desequilíbrio, compensado na figura vista globalmente.

Pirâmide Feia II

Aqui a pirâmide é quase camada policromática, isto é, uma linha de cada cor.

Isto faz com que o todo apareça mais integrado.

É um tapete com início de estruturação, estrutura transitória, entre o tapete e a camada.

O Azul2 ainda faz o ápice da pirâmide.

Preto, Vermelho3, Amarelo1, Azul4, Azul3 e Azul2 são os significantes que se dispõem em camadas, camadas que são no entanto incompletas, desenhando, quer pela quebra da linha, quer pelo degradê da quinta linha, a assimetria que já se fazia notar nas pirâmides bonitas. Uma assimetria que nessas duas pirâmides feias aparece compensada, ora à direita, ora à esquerda.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Essas camadas não são como se pode notar claras, evidentes por si.

Escamoteiam-se na divisão das linhas ou no degradê.

Precisam ser "pesquisadas" pelo avaliador do teste, precisam ser descobertas talvez não só por nós que estudamos o caso, mas pelo próprio menino.

Isto porque tudo é muito coerente, e vai se desenrolando paulatinamente, de uma pirâmide para a outra. É uma sequência.

Pirâmide Feia III

Esta terceira pirâmide feia apresenta ao mesmo tempo um grande número de relações e relações que por outro lado, não permitem, por sua própria estrutura, que algo se feche, que se estabeleça um contorno da figura.

Veja-se o núcleo de Verdes ligando a segunda, terceira e quinta linhas, tomando praticamente o centro da pirâmide. O verde2 no centro da pirâmide é praticamente o núcleo que se ramifica em 4 pontos, em

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

todas as direções. O jogo de tonalidades faz com que esse esqueleto se dilua, se escamoteie de novo, além de estruturar uma figura sem contornos, em aberto.

O mesmo se passa com o Marrom das linhas 4 e 5. Três pontas que não se ligam.

Marcamos esse traço do estilo de R que já vinha se fazendo notar nas outras pirâmides, e que deixaremos para discutir mais tarde.

O fato é que, dada esta forma particular de estruturação, bastante complexa diga-se de passagem, resulta inevitavelmente o tapete como classificação.

É importante acompanhar a sequência: na segunda pirâmide feia R liga o Az2 do topo, constante desde a primeira pirâmide bonita, a duas etiquetas da base da figura, fechando uma triangulação. Triangulação esta excêntrica ao eixo da figura apresentada, à direita da mesma.

Esta pirâmide (a segunda) é como dizíamos, mais integrada, "quase" uma camada policromática, que expressa ainda a assimetria característica da produção de R.

Na pirâmide feia III o ápice já não é Az2, mas Az3, e as cores significantes entrelaçam-se de tal forma a não permitir que nada se ligue fechando um contorno, tudo fica em aberto.

Cabe anotar também que na segunda pirâmide feia aparece a única permuta do protocolo: R colocara Azul1 no ápice, para trocá-lo depois por Azul2.

Podemos então concluir:

Vamos nas pirâmides feias o mesmo movimento de deslocamento-condensação que apareceu nas bonitas.

O Marrom escorre da primeira para a terceira pirâmide feia.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O Vermelho é significativo nas três figuras, e assim sendo é significativo em duas pirâmides bonitas e três feias.

A segunda pirâmide feia liga-se às pirâmides bonitas através do Azul, e a terceira feia liga-se a elas através do Verde.

Trata-se de uma sequência de condensações, de metáforas.

R articula as cores formulando uma questão: a configuração das pirâmides faz pensar em uma percepção distorcida da realidade, e por extensão até mesmo de seu próprio corpo.

Há também um topo que não se liga ao resto da pirâmide, muito bem demarcado, a saber: Az2 seguido por uma linha estruturada como camada.

Na terceira pirâmide feia R nos mostra o triângulo visto pelo seu avesso, a partir de uma outra perspectiva, jogando com a relação figura-fundo. A pirâmide feia III é neste sentido o fundo. O resultado é o tapete, sem ligações aparentes, porém pleno de relações entre as etiquetas.

Dito de outra forma, a aparência desestruturada da figura resulta de uma elaboração feita por R entre as etiquetas, de uma elaboração que produz uma percepção fragmentada, descontínua, da realidade, a pirâmide neste caso.

R precisou posicionar-se em um ângulo que lhe permitisse perceber assim a figura. E deste ângulo a figura lhe aparece distorcida.

De qualquer forma, fica claro que estes tapetes não são desestruturados, e que o paciente demonstra ser capaz de fazer articulações até bastante sofisticadas.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

No caso de queixa de problemas de fala, ao lado do fato de já sabermos que esta criança já falou um dia, e em época esperada de desenvolvimento, sabemos agora também que R é capaz de "articular uma linguagem", já que o faz no Teste de Pfister com as cores.

Creio ser desnecessário argumentar que isto não pode ser considerado como uma coincidência. R marca lugares e cores, movimenta-as articulando as etiquetas coloridas de modo metafórico.

E sendo assim, poderíamos responder às questões propostas pela mãe de R da seguinte forma:

R mostra em seu trabalho a capacidade de memorizar (usa sistematicamente determinadas cores fazendo configurações também constantes), é capaz de abstrair, relacionar, ligar.

No entanto R faz abstrações e ligações não convencionais, subjetivas, não se prendendo às características objetivas da figura.

Isto dá a R uma aparência de desestruturação, de deficiência.

No entanto ao menos no que diz respeito ao Teste de Pfister, a produção de R não só é esperada para uma criança de sua idade, no caso da estruturação em tapetes, como até um pouco precoce para a idade, pois as camadas ou mesmo o tapete com início de estruturação são esperadas na adolescência.

A partir do Teste de Pfister diríamos que R não é deficiente do ponto de vista intelectual, mas que se encontra existencialmente perturbado.

R é portador de deficiência. É organicamente deficiente. Tem deficiência de potássio no sangue. Isto repercute nele também ao nível existencial.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Seus sintomas orgânicos são, em uma medida que não se pode avaliar aqui, da ordem do sentido, têm um sentido, ou fazem sentido também ao nível da imagem que R faz de si mesmo, e de seu corpo.

R é portador de uma deficiência orgânica uma vez que se lê no relatório do neurologista que ele tem uma leve dilatação no ventrículo esquerdo e atrofia cortical.

- A assimetria das pirâmides estaria apontando para isto? Não podemos responder isto aqui.

O alcance que esta pequena lesão cortical tem sobre a inteligência de R é algo que precisa ainda ser verificado.

No entanto o histórico de R, o fato de ter nascido após a morte de um irmão portador da mesma insuficiência que ele tem, o fato das intenações que o perturbaram a ponto de fazê-lo regredir, esquecendo aquilo que já sabia fazer,, o fato de não poder suar, nem chorar, etc., tudo isto afetou R estruturalmente.

Se é possível dizer que o Teste de Pfister retrata a imagem corporal, então R vê seu corpo fragmentado, a cabeça estática (Az), isolada do corpo, visto como assimétrico e sem contornos.

Acredito a partir de tudo o que foi visto acima, que o trabalho analítico poderia ajudar a levar a um nível ótimo o desenvolvimento possível de R, acompanhado é claro pelo atendimento médico que supre por via medicamentosa a carência de potássio da criança.

Na análise seria interessante trabalhar a imagem que R faz de si. Ele se vê deformado, sem o ser. R é pequeno, mas ser pequeno não quer dizer ser deficiente. Ele pode ser lento, mas isto não precisa necessariamente indicar uma incapacidade de aprender.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A partir do observado no Teste de Pfister não se poderia diagnosticar de forma nenhuma o quadro como de deficiência mental, embora seja necessária uma atenção especial da professora para atender às dificuldades da criança.

O Teste de Pfister retrata e documenta algo que no Teste de Wisc, por exemplo, fica apenas como hipótese: por que R acerta aquelas provas pelas quais mostrou-se interessado? Então quer dizer que quando ele gosta da tarefa ele é capaz de acertar? Parece que sim, embora ainda de uma forma confusa.

O Teste de Pfister nos indica o processo pelo qual a forma de R chega a ser confusa.

Trata-se de um caso interessante pois entrelaça o psíquico e o somático, necessariamente ligados.

R foi visto por mim 4 anos depois do estudo do caso.

Continua em classe especial conforme indicação da estagiária que o atendeu na clínica.

Sua professora, ao lado da psicóloga da escola, solicitam que ele seja reavaliado, por julgarem que R precisa deslanchar em seu aprendizado, não estão satisfeitas com seu rendimento escolar.

Sua mãe diz notar modificações no comportamento de R em casa, que ele entende melhor as coisas, que amadureceu.

Quando brinca com os amiguinhos na rua ele fala direitinho, mas em casa mostra-se mais dengoso, falando como criança pequena.

Na entrevista comigo parecia muito tímido, e não proferiu uma só palavra.

O protocolo de Pfister, em anexo mostra uma piora.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

I

PIRAMIDES BONITAS

II

III

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
- UMA RELEITURA

I

PIRAMIDES BONITAS

II

III

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Já não aparece a tendência a camadas que aparecia 4 anos atrás.

Surge o protocolo em tapetes, aquilo que constituía mais a parte inferior da pirâmide, e onde R questiona ainda a simetria de figura, fazendo formações assimétricas.

A única figura em que aparece uma ligação triangular é a terceira pirâmide feia.

Constata-se que houve uma piora na forma de estruturação da pirâmide. R não mostra mais uma tendência ao crescimento a desenvolver-se enquanto pessoa.

Entendo com isso que a indicação feita para o caso não foi acertada.

Se assim o fosse R teria melhorado em função de estar recebendo um tratamento adequado às suas dificuldades.

Reafirmo então a hipótese de que a deficiência de R é um sintoma no sentido analítico, e reencaminho o caso para um atendimento psicanalítico.

Fica claro que o atual estado de R só demonstra o acerto de nossa hipótese por exclusão.

Pouca coisa fica esclarecida a respeito do "equivoco" que é considerar esta criança como deficiente mental, apenas que ele parece perder o estímulo, a vontade de crescer, e amolda-se à sua aparência de deficiente, acentuando seu sintoma.

A sucessão das pirâmides feitas agora progride do mais simples ao mais complexo.

Na primeira pirâmide bonita R liga a segunda linha à quinta do lado direito com o Az4 e a quarta à quinta do lado esquerdo com o degradê Vm2, Vm1.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Azul e Vermelho, cores já escolhidas há 4 anos como significantes por R, são significantes ainda. O degradê que aparecia então torna a surgir nesta primeira pirâmide bonita. A assimetria da figura, que se configurava em 1984 persiste hoje.

A segunda pirâmide bonita liga ainda, em ligações de cores duas a duas, na quarta e quinta linhas, o lado direito e o esquerdo, só que agora o Vm4 liga 4a a 5e, de um lado ao outro portanto e o La1 liga 4d a 5b, da mesma forma.

Vermelho e Laranja são ainda hoje significantes para R, sendo que o Vermelho já é um deslizamento da primeira para a segunda pirâmide bonita.

A terceira bonita é uma formação ainda mais complexa que guarda semelhanças com as duas anteriores.

Na cor Azul condensam-se as tendências demonstradas na pirâmides anteriores: O Az3 liga 3c a 5a, o lado direito ao lado esquerdo. O Az2 e o Az1, degradê, marcam a região central da figura.

Am1 liga 2b a 5e, marcando a direita.

Vd2 e Vd3 ligam 3a a 4a, à esquerda da figura.

As ligações são ainda duas a duas, e a figura assimétrica.

R tatela os contornos da pirâmide, e a sua porção central.

A figura ainda é fragmentada e sem contorno.

As pirâmides feias são portadoras de relações mais complexas que as bonitas.

Na primeira feia a cor azul forma um núcleo à esquerda da figura, embaixo, onde se desenha uma simetria descentrada em relação ao eixo da pirâmide.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Vd2 e Vd3 ligam-se ainda na porção central da pirâmide - 3b e 4b - e La1 e La2 marcam o lado direito, abaixo - 4d e 5c.

O maior número de relações se concentra entre a quarta e quinta linhas.

A segunda pirâmide feita aparece com seu lado direito "contornado" pelas cores Vermelho e Laranja. Pode-se dizer isto aproximadamente graças à semelhança existente entre o Vermelho 2 e o Laranja 2.

O Azul 4 liga a quarta e quinta linhas em sua parte central - 4b e 5b.

R continua "apalpando" a figura que lhe aparece assimétrica.

A terceira pirâmide feita aparece estruturada em forma de desestruturação, se é que se pode falar desta forma.

O eixo da pirâmide aparece marcado - pela falta de conexão com o resto da figura. Apice, coração e eixo da pirâmide são as únicas posições donde não há nenhuma cor significante.

Em torno deste eixo vazio desenha-se um conjunto de relações que se superpõem confusamente.

Aparece no entanto aqui, no meio da confusão, uma triangulação excêntrica em Verde 2, que se ramifica na quarta linha em um degradê com o Verde 3.

O Vermelho faz também uma ligação de 3 pontos que não se fecha, pois engloba um degradê entre quarta e quinta linhas.

O Azul 1 contorna o lado direito.

O violeta liga 3 pontos, mas também não fecha uma triangulação.

R está confuso, perdido em seu corpo que ele vê assimétrico, deformado.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Penso que um trabalho de análise poderá ajudá-lo a questionar seu sintoma.

O que se constata de muito interessante nesta reaplicação do teste é a sequência de cores significantes: Az, Vm, Am, Vd, Vi.

Na primeira aplicação eram significantes as cores: Az, Vd, La, Vm, Ma, P, Am.

Temos assim que Az, vm, La, Am e Vd são significantes nas duas séries de pirâmides, produzidas com um intervalo de 4 anos.

São pontos que se entrelaçam em formações estruturais. São pontas de cadeias associativas.

Esta constância parece nos apontar que estamos no caminho certo.

CASO II

NOME:	R.A.F.
IDADE:	8 ANOS
SEXO:	MASCULINO
NACIONALIDADE:	BRASILEIRO
COR:	BRANCA
ESCOLARIDADE:	SEGUNDA SERIE

R vem encaminhado pela professora.

A queixa inicial é que ele não distingue bem as cores e que não tem muito boa coordenação motora. Sua letra é feia e ilegível.

Desde pequeno R deu trabalho à sua mãe.

Controlou os esfíncteres, falou e andou tardiamente.

Aos 5 anos foi colocado no jardim de infância onde não se adaptou pois não se misturava com as outras crianças.

R só voltou à escola aos 7 anos, entrando direto no primeiro ano. Desta vez a adaptação foi tranquila, e ele parece gostar da

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

escola. Está no segundo ano, tendo passado de ano com dificuldade. Sua mãe diz que ele entende bem, mas que é meio lento, e que não brinca com as outras crianças. Mostra-se ansiosa com a perspectiva de R perder o ano.

O Sr. R, no entanto (R tem o mesmo nome do pai), afirma que aos 10, 11 anos o menino superará tudo. O próprio Sr. R só começou a falar aos 10 anos.

Sr. R tem uma história pessoal bastante conturbada. Saiu da casa do pai com sua mãe ainda muito pequeno, vivendo até os 6 anos de idade apenas na companhia da mãe. Com esta idade foi morar com a mãe em casa de parentes. Quando tinha 12 anos seu pai mandou buscá-los para morarem com ele, ocasião em que Sr. R fica conhecendo seu pai. Sua mãe volta nesta época para São Paulo, onde é internada em um hospital psiquiátrico.

Aos 16 anos o Sr. R vem para São Paulo e inicia a construção solitária de sua vida, investimento no qual teve sucesso, tendo amalhado alguns poucos bens, dos quais se orgulha muito. Sua mãe morou em sua casa até a morte. Foi internada outras vezes e o Sr. R acha que essas internações é que são responsáveis pela morte de sua mãe.

Sr. R preocupa-se muito com o filho. Acha-o muito quieto, só brincando com crianças menores do que ele. Não sabe jogar bola com o pai, o que o desagrada muito.

R é obediente e passivo. Por outro lado, é o mais estúpido dos filhos.

R é bem desenvolvido fisicamente para a idade. Apresenta uma certa hipotonia, percebida principalmente no andar. Tem um ar de bobo, sendo seu tempo de latência bem longo. Distrai-se sozinho, vendo televisão, ou agitando mãos e pernas. Sempre informa seus pais de suas atividades. Seus interesses estão em geral associados aos interesses de seus pais. Não manifesta ideias ou atitudes em relação à sua problemática.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

R usa óculos de grau forte. Seu rosto é inexpressivo, tendo às vezes o olhar perdido, distante.

R tem dificuldades na escola, seu rendimento é baixo. Segundo seus pais ele tem uma boa compreensão das coisas, necessitando no entanto de mais tempo do que as outras crianças para compreender.

R tem duas irmãs mais velhas (16 e 12 anos) e o relacionamento familiar é harmonioso. foi o filho homem muito esperado pelo pai, tendo-o decepcionado um pouco, no entanto.

A gravidez de R e seu parto foram normais e a termo.

Mamou até um ano de idade, sendo desmamado com uma certa dificuldade pois não aceitava as papinhas. Hoje alimenta-se bem.

Chupou chupeta até os 6 anos, e ainda a utiliza para dormir.

Dorme no quarto dos pais.

Começou a falar com 3 anos, a andar com 2 anos e controlou os esfíncteres entre os 4 e os 5 anos.

R gosta dos desenhos de Mr. Magoo porque ele faz muitas coisas erradas.

Os pais, ao mesmo tempo que se preocupam com o desenvolvimento da criança, estimulam sua dependência e imobilidade.

Quanto aos exames a que foi submetido:

I. Teste de Rorschach:

Apresenta inibição nas associações, formalismo excessivo em suas reações que o impede de expressar livremente seus sentimentos.

J

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Apresenta um potencial de elaboração satisfatório, não podendo dar sinais de sua criatividade tanto no aspecto intelectual quanto em seu relacionamento interpessoal.

II. Wisc

Apresenta inteligência normal.

A aquisição de conhecimento causa-lhe medo, e ele defende-se então colocando-se de forma dependente em relação à aplicadora.

Sua capacidade de julgamento está prejudicada por fatores emocionais.

Tem dificuldade de concentração, o que lhe causa ansiedade e não o deixa pensar.

Apresenta: rigidez e pouca capacidade de abstração. Memória preservada. Falha na percepção de detalhes. Boa coordenação viso-motora. Habilidade na memorização de símbolos com potencialidade de adaptação ao mundo. Fatores emocionais parecem interferir na elaboração de sua imagem corporal.

III. Bender

Há dificuldade em lidar com a agressividade, que aparece compensada por uma postura passiva diante do ambiente.

Sua instabilidade emocional reflete-se em seu desempenho motor, ocasionando a letra feia, irregular.

Imagem corporal apresenta problemas.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

IV. H.T.P.

Atitude de passividade e reserva.

Dificuldade nas relações interpessoais.

Comportamento estereotipado e automatizado como defesa de sua insegurança interna.

Tem sentimento de hostilidade e agressividade em relação ao mundo que o circunda.

Satisfaz seus desejos a nível da fantasia.

Funcionamento geral regredido.

Falha na integração do esquema corporal.

V. C.A.T.

Paralização da fantasia e fechamento para o mundo externo. Bloqueia qualquer contacto com suas fantasias, negando-as.

Aquilo com que não pode lidar não é percebido por R, havendo assim uma ruptura com a realidade externa e com a interna. Coloca-se só e isolado do mundo.

Os testes parecem ser unânimes em afirmar a existência de uma potencialidade em R, que no entanto não pode dispor dela em função de um bloqueio emocional.

Nisto a avaliação que os pais fazem de R é adequada.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

As entrevistas parecem sugerir a hipótese de que a problemática de R, sua aparência de bobó, a recusa que demonstra em utilizar seus recursos intelectuais, que tudo isto se configura na direção da história de seu pai, da difícil infância deste pai que também só falou muito tarde na vida.

O protocolo de Pfister ilustra o processo através do qual R tece sua pseudodeficiência, processo altamente elaborado, impossível de construir por uma pessoa efetivamente deficiente mental.

τ

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

VI. O Protocolo de Pfister

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

VI. O Protocolo de Pfister

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

R concordou prontamente em submeter-se ao Teste. Após a apresentação do material iniciou imediatamente a execução da primeira pirâmide. Durante toda a aplicação demonstrou estar interessado e concentrado na tarefa. Não teve dificuldades em lidar com o material.

Pirâmide Bonita I

Marcamos Azul 1 (Az1) nas posições 2b e 4a; Azul 2 (Az2) em 5b; Vermelho 3 (Vm3) nas posições 5a e 4b sendo que este Vm3 em 4b faz uma relação de degradê com o Vermelho 4 (Vm4) na posição 3b; violeta 2 (Vi2) nas posições 3c e 5d.

Essas quatro cores significantes estruturam minimamente o todo da pirâmide, em relações de etiquetas duas a duas, ligando pares à direita. O Vermelho liga 3 pontos, mas ainda assim não fecha um triângulo, já que uma de suas pontas está em uma relação de degradê com as outras duas.

O Azul liga também 3 pontos, também não fechando um triângulo, pela mesma razão que o Vermelho, em função do degradê.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Vermelho e Azul marcam relações à esquerda da figura.

A estrutura é em tapetes desequilibrados.

Pirâmide Bonita II

Marcamos o Violeta2 (Vi2) na posição 2a e 2b, compondo uma camada.

O Vermelho 2 (Vm2) nas posições 3a e 3c, fazendo uma camada simétrica com o Marrom1 (Ma1) ao centro.

Verde 3 (Vd3) e o Verde 2 (Vd2) respectivamente nas posições 4a, 4b, 4c, 4d, que formam uma camada de verde com ponta em degradê.

Preto (P) nas posições 5a, 5b e 5d, estruturando uma camada simétrica incompleta.

A estrutura é em tapete, com início de estruturação, ou tapete estruturado. Está entre o tapete e a camada, tendendo a camada policromática nas linhas 2 e 4 e a camada simétrica nas linhas 3 e 5.

A tendência à estruturação é evidente.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Lembramos, no entanto, que esta afirmação contraria a definição tradicional, que pede como requisito a colocação das mesmas cores nos ângulos e no eixo.

Deixando de lado a questão da definição, porém, fica a questão da falha como mais interessante de ser pensada aqui.

O inconsciente emerge na falha, e esta segunda pirâmide bonita estrutura uma falha, algo não se completa nas posições 4a e 5a.

E ainda, pode-se ver esta figura como uma perspectiva, um giro, ou se se preferir um deslizamento da primeira pirâmide bonita, se esta for tomada em três dimensões:

A saber:

BONITA I

BONITA II

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pirâmide Bonita III

Foram marcados:

Amarelo 1 (Am1) nas posições 1, 2b, 5a;

Amarelo 2 (Am2) nas posições 2a, 3a, 4b, 4d, 5b, 5c, 5d;

Verde 1 (Vd1) nas posições 3b, 3c, 4c, 5a, 5e.

Trata-se de uma estrutura. Uma figura em que cada etiqueta está em relação com todas as outras, apenas que não é uma "estrutura estática", mas em movimento, uma perspectiva.

Também não é simétrica, marca a assimetria da segunda, terceira e quarta linhas.

Resulta a classificação como estrutura assimétrico-dinâmica.

O verde-amarelo da figura, evocando nossa bandeira, teria justificado que se pedisse uma quarta pirâmide bonita. Uma falha do estagiário, que não o fez.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

R é capaz de estruturar integralmente esta figura, mas aliena-se na bandeira para conseguir isto. Confunde-se no esteriótipo. Será que é isto que ele faz quando se faz de bobo?

Pirâmide Feia I

Uma pirâmide monocromática em branco.

A resistência se acentua. R não estrutura nada, ou estrutura nada, tapa-se com o branco, resolve a questão se omitindo.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pode-se entender, por outro lado, que esta figura é mais um desdobramento da pirâmide bonita I, a saber:

BONITA I

A pirâmide bonita I contém as pirâmides posteriores, é uma superposição das mesmas. Ou ainda, as pirâmides bonita II e a feia I são perspectivas diferentes da primeira pirâmide bonita.

Na primeira pirâmide feia R se coloca de um ângulo a partir do qual não vê nada.

Pirâmide Feia II

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Só duas etiquetas estão "fora da estrutura".

Foram marcados:

Vermelho 3 (Vm3) nas posições 1 e 5d;

Marrom 1 (Ma1) nas posições 2a, 3b, 4b e 5e;

Marrom 2 (Ma2) nas posições 2b, 4c, 4d e 5c;

e o Vermelho 2 (Vm2) nas posições 3a, 3c, 4a.

A terceira linha da pirâmide feia II repete a terceira linha da pirâmide bonita II.

Pode-se reconhecer as pirâmides bonita I e II neste desdobramento.

JUSSARA FALEK BRAUER
 O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
 UMA RELEITURA

BONITA I

BONITA II

FEIA II

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A falha da pirâmide bonita II, no que se refere à quinta linha incompletamente simétrica, repete-se na pirâmide feia II na mesma quinta linha onde P e Vm4 são as únicas etiquetas da figura que ficam "fora" da estruturação geral da pirâmide.

Resulta uma estrutura complexa, onde a multiplicidade de relações entre as etiquetas mais parece cortá-la, dividi-la, do que promover uma harmoniosa integração.

O todo fica fragmentado não tanto pela incapacidade de estabelecer ligações, mas muito mais pelo tipo de ligações estabelecidas, ligações metafóricas, que deformam a figura ao invés de organizá-la.

Pirâmide Feia III

A figura praticamente monocromática em tons de azul, expressa a divisão interna de R, que a corta como acontece nas pirâmides bonitas II e feia II. É a desarmonia e a desintegração que R expressa em uma figura pela de ligações internas

A posição 1 liga-se a 5a por meio de Az4;

2a a 4a e 5c por meio de Az2;

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

2b, 3b, 4b e 4c por meio de Az3;

3a e 4d com o Violeta 1;

3c, 5b, 5d e 5e com o Azul 1.

A pirâmide feia III também pode ser vista como deslizamento da pirâmide bonita I.

BONITA I

FEIA III

O protocolo de R.A.F. ilustra plásticamente o conceito lacaniano da metáfora:

"A centelha criadora da metáfora jorra entre dois significantes dos quais um substitui o outro tomando-lhe o lugar na cadeia do significante oculto, permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. A metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no sem sentido".

O tapete resulta da superposição de estruturas assimétrico-dinâmicas.

R.A.F. articula as cores do Teste de Pfister como linguagem, e demonstra desta forma que tem a habilidade necessária para a articulação da linguagem falada.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

No entanto quase não fala, é muito quieto. Chegou-se a suspeitar que fosse mudo, tendo sido levado a exame médico por esta razão, quando era pequeno.

O protocolo de Pfister sugere que se trate de um mutismo voluntário, através do qual R fala sem nada dizer.

A análise de R permitiria verificar o acerto desta hipótese.

Podemos hipotetizar também que R não é deficiente mental e que seus sintomas são da ordem do sentido, sintomas no sentido analítico do termo. A indicação é psicanálise.

Quanto à inteligência, além de ver confirmada nossa hipótese no próprio depoimento dos pais e também no protocolo de WISC, ousaríamos hipotetizar ainda mais longe que se trata de criança com boa potencialidade intelectual, que demonstra ser capaz de uma reversibilidade muito ampla das estruturas, que segundo Piaget é fator de inteligência.

R já dissera ser fã do Mr. Magoo dos desenhos animados, e com isto já nos dava uma dica da natureza de seu sintoma.

Esta criança não encontrou, até onde sabemos, um encaminhamento adequado.

Tentei entrar em contacto com sua família, mas haviam se mudado, e desta forma perdi a oportunidade de ter notícias de R.

CASO III

NOME	A. C. R.
IDADE	12 ANOS
SEXO	FEMININO
ESCOLARIDADE	QUARTA SERIE

O motivo que leva os pais de A a procurarem a clínica é o fato de que a garota roi as unhas e a pele em volta dos dedos. Não tem mentalidade para brincar com crianças de sua idade. Suas amigas têm idade entre 3 e 5 anos.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A é também muito agressiva e costuma achar graça em suas "malvadezas". Refere-se a elas como brincadeira, ofendendo-se quando apanha da mãe em função delas e achando-se incompreendida.

A tem um irmão mais velho que ela 1 ano. Briga demais com ele. Sua mãe diz que é sempre ela quem provoca as brigas.

A este respeito fica claro a partir das entrevistas feitas com os pais que brigar é como que uma tradição nesta família.

Todos brigam muito. Os pais brigam, sem que isto se constitua em um motivo para se pensar em separação. Eles declaram se quererem muito bem.

A paciente encontra-se na puberdade.

Costuma dar problemas de disciplina na escola.

Segundo sua mãe, A tem prazer em irritar as pessoas.

A nasceu um ano após seu irmão. Por este motivo sua mãe relata não ter desejado esta gravidez. Tentou abortar tomando chás. Como não obteve resultado acabou por se resignar. Passou mal durante a gravidez. Não se alimentava, além de ter trabalhado lavando roupa para fora. Ficou anêmica em consequência disto.

A nasceu a termo, de cesariana, pesando 2.800 kg. A cesariana decorreu do fato de a mãe ter bacia estreita e de não ter tido dilatação. A criança nasceu anêmica e aos 2 meses de vida teve desidratação. Mamou só até os 2 meses pois o leite materno não a sustentava.

Até que a criança completasse um ano sua mãe trabalhou fora. A teve então bronco-pneumonia, raquitismo e crises de bronquite. Era cuidada nesta época por uma tia.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Dona A.M. descobriu então que a menina estava sendo maltratada pelo tio. A foi colocada na escola, onde não conseguiu se adaptar. Sua mãe tirou-a então da escola e passou a levá-la consigo no trabalho, conduta que mantém até hoje.

A sempre foi muito fraquinha e miúda, alimentando-se sempre mal.

Entrou na escola aos 6 anos, tendo repetido a segunda e terceira séries. Está na quarta série.

Na escola é desatenta. Seu pai tenta ajudá-la nos deveres de casa mas acaba brigando com a menina.

O pai dá-se bem com o filho mais velho.

A é mais ligada à mãe, ajudando-a no serviço doméstico, coisa que sabe fazer muito bem.

A é esperta para algumas coisas, mas tem dificuldade em relacionar-se com crianças de sua idade, ficando a maior parte do tempo sôzinha.

É colaboradora e de contacto fácil, sabendo dar respostas objetivas ao que lhe é perguntado.

A família desistiu do atendimento antes do término do estudo do caso.

Tivemos, no entanto, acesso ao protocolo do Teste de Pfister, que é o seguinte:

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES BONITAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Analisando a pirâmide bonita I vem:

Trata-se de uma camada policromática típica.

As cores que a estruturaram são: Preto, Verde 3, Violeta 3, Amarelo 2, Azul 2.

Pirâmide Bonita II

Trata-se de um tapete desequilibrado, que tem sua estruturação mínima marcada pelo Azul 4 (Az4) nas posições 2a e 5a; Vermelho 2 (Vm2) nas posições 3c e 4c e pelo Verde 1 (Vd1) nas posições 4a e 5c.

Pirâmide Bonita III

O topo da pirâmide é um tapete desequilibrado sem nenhuma repetição de cor.

A partir da terceira linha é uma camada policromática estruturada pelos Azul 4 (Az4) na terceira linha, Verde 1 (Vd1) na quarta linha, ambos significantes da pirâmide bonita II, e Amarelo 2 (Am2) na quinta linha, significante da pirâmide bonita I.

Nesta série de pirâmides bonitas vemos a ilustração de mais uma forma de condensação no Teste de Pfister.

A terceira pirâmide resulta da superposição das duas precedentes, tanto na forma quanto no que tange os significantes. Primeiro a camada, depois o tapete, depois a condensação *través das alas* → meio camada, meio tapete, sendo que as cores significantes na parte em camadas são comuns com as duas pirâmides precedentes.

A sequência faz pensar na queixa: meio infantil, meio moleca, trata-se de uma adolescente.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Da série de pirâmides feitas temos:

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pirâmide Feia I

O laranja 2 (La2) ocupa as posições 2a e 3c. O Laranja 1 (La1) as posições 3b e 5a e o Azul 3 as posições 4a e 4d, sendo que faz degradê com o Azul 4 (Az4) na posição 4b.

Quarta e quinta linhas são camadas simétricas incompletas.

O topo é em tapete.

Pirâmide Feia II

O topo até a terceira linha é uma pirâmide monocromática em Verde 2 (Vd2).

Quarta e quinta linhas são estruturadas em tapete, onde se observa sequer uma repetição de cor.

Na série de pirâmides feias repete-se a condensação das bonitas, estando no entanto configurada a questão de forma mais radical.

Na pirâmide feia I A tenta organizar a simetria, adaptar-se à realidade simétrica da figura, ligar topo e base em pontos demarcadores desta mesma simetria.

O resultado sai falho. A simetria é incompleta. Na quarta linha a parte central é assimétrica, na quinta linha são os extremos que o são.

Na pirâmide seguinte o topo é monocromático e a base tapete. Nos dois casos a simetria fica fora de questão não havendo portanto fracasso quanto à simetria.

Para a pirâmide feia III temos:

Somente as posições 1 e 2h aparecem fora de relação.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O restante da pirâmide vem todo interligado, trabalhando a questão da simetria na terceira e quinta linhas. Na terceira linha há êxito, mas na quinta não, nela os lados são assimétricos entre si.

O Laranja 2 ocupa 2a e 4b;

O Verde 2 está em 3a e 3c;

O Azul ocupa as posições 3b e 4d;

O Vermelho 2 na posição 4a faz uma triangulação em degradê com o Vermelho 1 de 5a e 5b; o Marrom 1 de 4d liga-se na linha 3c; finalmente o Azul 1 aparece em 5d e 5c, fazendo o lado direito da camada simétrica não completada na quinta linha.

Mais um tapete em vias de estruturação, descortinando uma certa dificuldade em relação à simetria da figura, que, ao mesmo tempo que é marcada, aparece incompleta.

A movimenta-se com bastante reversibilidade.

Apostamos em sua inteligência e acreditamos que uma escuta analítica poderia ajudá-la em suas questões de menina-moça, boba-esperta, que passou por tantas doenças, o que pode ter-lhe deixado com esta imagem assimétrica, descompensada, que surge na terceira pirâmide feia.

CASO IV

NOME:	T. C.
IDADE:	22 ANOS
SEXO:	MASCULINO
ESTADO CIVIL:	SOLTEIRO
NACIONALIDADE:	BRASILEIRO
OFÍCIO:	OFFICE-BOY, ATENDENTE DE ENFERMAGEM

Este caso foi atendido em uma instituição mantida pela Secretaria do Estado da Promoção Social.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

T. C. iniciou o atendimento psicológico por solicitação da assistente social.

T chega queixando-se de "não ser entendido do jeito que é". Fala também de uma constante "queima no estômago" na qual "os médicos não dão jeito". Relata que toma medicamentos, mas que estes não fazem efeito. Muitas vezes prefere nem comer. Os médicos fazem muitos exames e nada constata.

T está há aproximadamente 15 meses no DAR-I*, e aparecem queixas das pedagogas e de outros companheiros quanto ao seu comportamento. Ele é irrequieto e não consegue concentrar-se em sua atividade que consiste em trabalhos artesanais.

T relata ser homossexual, segundo suas palavras "um homossexual digno". Relata não ser promiscuo e saber se portar. Apresenta traços delicados e refere ser uma pessoa sensível. J, seu amigo, é um rapaz difícil, carente, que pela necessidade de companhia faz as vontades de T (guarda a sobremesa para ele, compra cigarros, etc.).

Na época do atendimento T e J estavam tendo desentendimentos sérios.

T vem de uma família numerosa. São 8 irmãos (5 mulheres e 3 homens). Ele é o filho mais novo. Diz não lembrar dos irmãos.

Foi colocado desde os 4 anos em um orfanato, lá permanecendo até os 7 anos, ocasião em que foi mandado para um colégio de freiras. Diz que as freiras ficaram com pena dele e decidiram responsabilizar-se por sua educação. Relata que as freiras o queriam muito bem, que era "a menina dos olhos das irmãs".

*DAR - Departamento de Assistência e Reabilitação.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O colégio era em regime de semi-internato, no interior de São Paulo, e predominavam as meninas. Lá T aprendeu a bordar e ajudava as freiras nos serviços internos. Era muito apegado a elas.

A situação foi se tornando insustentável, pois tratava-se de um colégio particular, em que a maioria dos alunos eram meninas, e T acabava ficando fora de lugar.

Foi obrigado a ser transferido para a FEBEM e diz ter sofrido um choque muito grande, por ter saído de um lugar onde se sentia querido pra ir para uma instituição como a FEBEM em São Paulo. Tinha na época 13 anos.

Começou então a "aprender a ser esperto".

Permaneceu na FEBEM dos 13 aos 18 anos. Neste período conseguiu sair de lá várias vezes, mas logo retornava. Aprendeu a fumar, mexer com tóxicos e a praticar pequenos furtos.

Sobre a família, relata ter um irmão em São Paulo, sendo que o resto da família mora em Vitória, no Espírito Santo. Mesmo assim não pode contar com esse irmão.

Relata não ter vontade de procurar a família devido ao fato de ter sido abandonado num orfanato. Se procuraria o dia em que "estivesse por cima", em que estivesse bem, com dinheiro.

Ao sair da FEBEM, T vai morar junto com um amigo, com quem convivera esses anos, e ambos começam a trabalhar.

T foi trabalhar como Office-Boy de um escritório de advocacia. Teve o apoio de seu patrão que o incentivou. Não conseguiu porém permanecer lá por muito tempo. Relata que foram 6 meses de "responsabilidade", até que um dia resolveu ficar com o troco de um serviço, sem prestar contas. A este incidente seguiram-se outros e T acabou tendo que deixar o escritório.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Depois disso ficou algum tempo fazendo bicos, sem trabalho fixo.

Percebeu então que precisava fazer algo de sua vida, resolvendo então fazer um curso de atendente de enfermagem. Após o curso estagiou em um hospital. Mais uma vez não pôde ser constante em sua atividade. Deixa o estágio sem razão, sem entender sua atitude.

Volta a mexer com tóxicos e a procurar suas antigas companhias da FEBEM.

Começa a sentir-se mal do estômago, fica fraco e procura então a CETREM.

Lá é encaminhado para o DAR-I, onde a estagiária de Psicologia lhe aplica o Teste de Pfister, que se segue:

A aplicação foi feita da forma usual.

Este caso não apresenta estruturação em forma de tapetes, mas é apresentado no intuito de demonstrar que a forma de avaliação aqui sugerida pode ser aplicada também na avaliação de camadas, conforme ilustra o caso 3 e também para as estruturas.

para viravila e X
o r o parente-X

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES BONITAS

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

PIRAMIDES BONITAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Temos então para a pirâmide bonita I:

Trata-se de uma figura simetricamente estruturada, uma camada simétrica. Isto pois embora a simetria esteja bem demarcada, as linhas ainda estão estanques uma em relação à outra, como camadas.

O Vermelho 2 aparece nas posições 1, 3b, 4a, 4d.

O Marrom 2 está em 2a e 2b.

O Azul passa de uma linha para a outra, posto de forma a estabelecer um contraste entre a terceira, quarta e quinta linhas, da seguinte forma: Azul 4 em 3a e 3c, Azul 2 em 4b e 4c; Azul 3 em 5b e 5d.

A simetria é perfeita.

O vermelho faz um nexó importante, demarcando a região onde aparece o sintoma de T, seu estômago.

Pirâmide Bonita II

Novamente a camada simétrica, perfeitamente construída.

Somente a cor Azul 2 liga a primeira à quinta linhas (1, 5b e 5d).

O Vermelho 2 conserva, agora, sozinho, sua posição no coração da pirâmide (3b).

O Verde 3 está em 2a e 2b. O Marrom 1 em 3a e 3c;

Vermelho 4 em 4a e 4d, entremeado pelo Verde 4 em 4b e 4c.

Na quinta linha azul 4 em 5a e 5c; Azul 2 em 5b e 5d; e o Verde 2 em 5c, isolado.

Aqui também o eixo da figura vem demarcado, agora pela ausência de relações de cor, conservando para isto o mesmo Vermelho 2 da pirâmide bonita I.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pirâmide Bonita III

A camada simétrica se repete, marcando uma constância estrutural do paciente, bem como, nesta forma simétrica a sua capacidade de adaptação.

Somente o preto liga as linhas 3 e 5 nas posições 3b e 5c.

O restante da figura se estratifica, estruturando-se em camadas perfeitamente simétricas.

Azul3 em 2a e 2b.

Marrom2 em 3a e 3c.

Verde4 em 4a e 4d.

Vermelho4 em 4b e 4c.

Violeta3 em 5a e 5c.

Vermelho2 em 5b e 5d.

Azul4 e Az3 triangulam em degredêe no topo da pirâmide.

Novamente o eixo central da figura é o único fio de ligação, demarcado pelo preto.

JUSSARA FALEK BRAUER
 O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
 UMA RELEITURA

PIRAMIDES FEIAS

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pirâmide Feia I

Segue agora uma estrutura simétrica, o eixo em preto, a pirâmide mais estruturada do protocolo, apresentada justamente como pirâmide feia.

Vi3 liga a segunda à quarta linha em 2a, 2b, 4a e 4d.

Preto está em 1, 3b, 4b, 4c, 5c.

Vermelho 2 em 3a e 3c.

Verde 4 em 5a, 5e e laranja 2 em 5b, 5d.

O eixo central da figura está demarcado, da mesma forma como estava nas pirâmides bonitas.

Vendo a forma como T estrutura a imagem de seu corpo encontramos demarcado o eixo onde T condensa seus sintomas - dor de estômago, homossexualidade - para os quais "não há remédio que dê jeito".

Pirâmide Feia II

Observa-se nesta segunda pirâmide feia uma quebra estrutural.

Passamos aqui a um tapete com início de estruturação, que tem na segunda linha uma camada em azul 4.

O vermelho 1 faz uma triangulação em 3b, 4a e 5e, excêntrica ao eixo central da figura.

O vermelho 4 liga 2 pontos: 4d e 5b.

Vermelho 4 e azul 4 são cores significantes das pirâmides bonitas. O azul 4 para 3 bonitas, o vermelho 4 para a segunda e a terceira.

Pirâmide Feia III

Esta pirâmide é uma camada simétrica incompleta.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O sujeito marca a simetria na terceira, quarta e quinta linhas, intercalando "falhas" quer nos extremos da quarta linha, quer na parte central da quinta.

O preto que demarcou o eixo da primeira pirâmide feia, reaparece nesta terceira em 1 e 3c.

Pode-se ver nesta terceira figura a justaposição metafórica das duas anteriores, que expressa um saber do sujeito quanto as regras, simetria no nosso caso, ao mesmo tempo que um questionamento das mesmas.

Condensação e deslocamento estruturam esta série de seis pirâmides.

Em cada condensação, um sintoma.

Dor de estômago, homossexualidade, dificuldade em adaptar-se ao trabalho, as queixas de T à psicóloga do DAR-I.

T se adapta, desempenha a tarefa em altíssimo nível, no Teste de Pfister, principalmente quando se tem em vista seu passado institucional.

A uma certa altura perde o ritmo, desestrutura-se. Neste momento mostra suas questões em relação às regras que ele conhece e pode cumprir, às custas é claro de formar sintomas, sintomas estes que ocupam um lugar marcado ao longo das 6 figuras.

Marcado por uma contradição. Ao mesmo tempo que é estruturante, capaz de promover a perfeita estruturação simétrica da figura, é justamente o lugar onde doi a T. Dor que não há remédio que apague. Dor de precisar se adaptar às instituições para onde foi mandado pela família que o abandonou? É este o lugar onde se precipita a questão de T.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

SINTESE

O exemplos poderiam suceder-se ao infinito.

Escolhi, no entanto, estes quatro casos para ilustrar alguns pontos interessantes que tenho encontrado nos protocolos de Pfister.

No caso 1 gostaria de frisar o tipo de relação em degradê de cores que aparece aí, condicionando um tipo particular de tapete.

Para explicar melhor retomo a terceira pirâmide feia.

O verde, em seus matizes, estabelece uma conexão no interior da figura, ao mesmo tempo que faz de tal forma a não permitir o delineamento de um contorno. O tapete é consequência inevitável deste tipo de ligação de significantes.

A estrutura fica em aberto.

Em aberto deixa também a questão de saber a que tipo de estrutura clínica remete. Somente o deciframento analítico deste caso nos permitiria responder a esta questão.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O caso 2 ressalta algo de importância crucial para a compreensão das estruturas em tapetes.

E o fato de o sujeito trabalhar a figura oferecida como se fosse um sólido geométrico, tridimensional, que ele gira e corta compondo perspectivas variadas.

Acompanhei este movimento perseguindo a trajetória dos significantes, seu deslizamento.

Temos neste protocolo nas pirâmides bonita III, feia I, feia II e feia III respostas de forma mal vista, que sugiro sejam chamadas F- (efe menos), ou seja resposta onde predomina a forma, mas uma forma que é mal vista pelo sujeito.

Contribuindo para a pesquisa das estruturas assimétrico-dinâmicas, este caso aponta para a distorção perceptual que um tal tipo de estruturação acarreta.

No caso 3 desejo marcar o aparecimento de uma forma de condensação descrita por Freud no capítulo VII da "Interpretação dos Sonhos".

Uma forma de condensação que opera pela superposição de duas figuras, resultando algo que contém partes de uma e de outra, um elemento comum intermediário.

O caso 4, além de ilustrar a aplicação do método para estruturas e camadas, mostra o aparecimento de um lugar, onde se precipitam os sintomas.

E como se o sujeito, ao mesmo tempo que afirma o significante, seu lugar, o estivesse colocando em questão, desprendendo-se dele.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA DO CAPITULO

1. Schaie, K W e Heiss, R - Color and Personality - Hans Huber Publishers - 1964.
2. Justo, H e Kolck, T. V. - O Teste das Pirâmides de Cores - Ed. Vetor - 1976.
3. Lacan, J - Escritos - Ed. Perspectiva - 1978.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

III - NOSSOS FUNDAMENTOS

"Recordemos que, para Lacan, o real é encontrado pela primeira vez a partir do significante. O significante suscita o desejo, mas falta o objeto absoluto implicado pelo desejo. O real é a experiência dessa falta ali onde se produziria a plenitude. O real é o tempo vazio que, em razão de seu vazio, faz-se espaço (ou seja, tempo imaginário), e é nesse espaço que surge a forma primordial da alucinação. É a alucinação da coisa como plenitude, que sucede à percepção originária inaugurada pelo significante. Lacan diz, na Ética, que, sem a alucinação fundamental da Coisa como sistema de referência, nenhum mundo da percepção chegaria a se ordenar e nenhuma atenção seria possível. Mas como se efetua, a partir dessa alucinação fundamental, a ordenação de um mundo da percepção? A percepção é provocada pela emergência do significante, pelo significante enquanto significante. O mundo da percepção pressupõe um significante, que permanece como significante, mesmo quando a falta da plenitude da coisa conduz à alucinação (cujo aspecto "imaginário" não pode ser negligenciado, ainda que ele se produza no "real"). O significante que garante o mundo da percepção é o Nome-do-Pai, ao qual a Coisa, em seu esquartejamento, faz referência como significante puro. O Nome-do-Pai é o significante da lei que organiza o mundo para um sujeito, segundo a continuidade e a antecipação próprias do significado, ainda que, ao mesmo tempo, o mundo que ele ordena seja um mundo essencialmente falho pela emergência do significante (= do inconsciente). Ele é também esse elemento simbólico singular que permite à sincronia dos significantes no simbólico preservar um valor significante ao articulá-los com o

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

real. E ele, portanto, que confere sua realidade ao mundo da percepção, mas só tem eficácia sobre o pano-de-fundo da alucinação da Coisa, alucinação esta que ele pressupõe e que de modo algum abole".

Alain Juranville - Lacan e a Filosofia - Jorge Zahar Editor - 1978 - pg. 238.

E isso!

Juranville consegue colocar muito bem aquilo de que se trata no caso das Técnicas Projetivas, e que podemos observar no caso dos protocolos de Pfister que acabamos de analisar.

Ele não está discorrendo evidentemente sobre isto. Fala da alucinação e da psicose.

Podemos no entanto tomar de empréstimo essa explicação tão exata, que se encaixa bem para o nosso caso, uma vez que nas Técnicas Projetivas trata-se também da percepção.

O Teste de Pfister, visto da forma que proponho, descortina o processo segundo o qual se dá a percepção da pessoa testada.

E a isto que se tem acesso ao acompanhar a sequência de construção das seis pirâmides.

O artifício utilizado na construção de testes tais como o Pfister, o TAT, o Rorschach, é o de fornecer esta "falta" de objeto de que fala Juranville.

A figura a ser percebida é obscura, incompleta e a pessoa que se submete ao teste é convidada a completá-la.

Reencontramos a partir da análise do teste uma percepção provocada pela emergência do significante, pelo significante em tanto que significante.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A análise que efetuamos nos protocolos de Pfister, vendo a cor como letra, como significante, mostrou que a estruturação em tapetes não é desordenada, mas estruturada.

A estruturação em tapetes é um tipo de estruturação cuja especificidade recai na falta de contornos que dá à figura uma aparência de desordem.

Considerá-la no entanto como desordem seria equivoco, como seria equivoco fundar nessa aparência nosso parecer sobre os casos que apresentei no Capítulo II.

Ousaria dizer que no caso do sintoma, daquele sintoma que interessa à Psicanálise, é sempre de um equívoco que se trata.

Foi o que aconteceu com as histericas através das quais Freud inaugurou suas descobertas Psicanalíticas. Os sintomas manifestavam-se no corpo biológico não tendo porém uma etiologia orgânica. Freud descobre nesses sintomas um sentido, que eles desvelam a Outra cena. Endereçam-se a um Outro que seria o bom entendedor para as meias palavras através das quais se expressa o sujeito do inconsciente.

Desde os Estudos sobre a Histeria (1895), Freud focaliza a palavra de seus pacientes como sendo o cenário onde seus sintomas irão se resolver. Verifica surpreso que tais sintomas desaparecem quando é dada expressão verbal aos afetos subjacentes aos mesmos.

A partir daí Freud percebe que a palavra é esse elemento privilegiado que permite ao inconsciente revelar-se através da estrutura simbólica que ela comporta. Do sonho, ao lapso, ao chiste, ao sintoma articular-se a sintaxe de inconsciente.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O sintoma faz emergir uma verdade do sujeito do inconsciente. Uma posição do sujeito em relação à sua história. Uma verdade que só pode ser dita por meias palavras, pois está barrada pela censura.

Não se trata pois do sintoma como doença, ou como deficiência, como ilustram nossos casos, mas de uma questão que concerne à verdade. Não A Verdade da Filosofia, mas a uma verdade, de um sujeito, frente a uma história.

E é assim que no caso 1 RLT chega a mostrar-se "como se fosse" deficiente mental, aparentemente incapaz para os estudos e para a fala.

Seu protocolo de Pfister nos leva a questionar esta "aparência" e sustentarmos que é enganosa.

"O dedo aponta a lua. O ignorante olha o dedo. O sábio olha a lua".

Em Freud vemos como esta verdade dos chineses pode ser de grande valia quando se trata da clínica.

De nada adianta examinarmos o dedo. ele só aparece para apontar algo, alguma lua inacessível.

Deveríamos então desprezar o sintoma, já que ele não traz diretamente nada daquilo que interessa?

Se pensamos em RLT podemos intuir que não.

Como ignorar a questão da deficiência de potássio, de sua fragilidade, tão determinantes na direção que foi dada à sua vida?

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Diz Lacan:

"Sabe-se que o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó... na estruturação dinâmica dos sintomas, no sentido analítico do termo, isto é, daquilo que é analisável nas neuroses, perversões e psicoses" ("A significação do falo", - 1958 - in Escritos) e ainda:

"E para impedir que não caia aos pedaços o campo que herdaram, e para isso lhes fazer ouvir que se o sintoma é uma metáfora, não é uma metáfora o dizê-lo, não mais do que dizer que o desejo do homem é uma metonímia. Pois o sintoma é uma metáfora, que se queira ou não dizê-lo, assim como o desejo é uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso" ("A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", 1957 - in Escritos).

Parto destas idéias fundamentais tomadas dos textos de Freud e Lacan para embasar o trabalho de psicodiagnóstico.

Em primeiro lugar considerando o sintoma como manifestação equívoca que esconde, ao mesmo tempo que revela algo do desejo do sujeito.

Em segundo lugar tomando esta idéia do complexo de castração como nó que amarra a estruturação dinâmica do sintoma, enquanto neurose, perversão ou psicose. Este o referencial para o estabelecimento de nosso diagnóstico diferencial.

Em terceiro lugar tomando o sintoma como aquilo que é analisável. Isto demarca um campo de trabalho para o psicanalista. Trabalha-se as formações inconscientes, a saber: o sintoma, o chiste, lapso, o esquecimento. Marca também o âmbito do que devemos cobrir em um estudo de caso, isto é,

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

que devemos pesquisar a queixa, sua história e evolução. E isto que devemos pesquisar em nossas entrevistas preliminares.

E finalmente que o sintoma é uma metáfora.

Demarcados estes 4 pontos esclarecemos :

O sintoma é uma metáfora. O que quer isto dizer?

Lacan faz a passagem dos termos psicanalíticos "Condensação" e "Deslocamento" para o registro linguístico "Metáfora" e "Metonímia", com a pretensão de torná-los operadores no sentido lógico e matemático.

A Metáfora em Lacan é a condensação de Freud.

A Metonímia remete ao deslocamento.

Lacan rele Freud, após ter-se inspirado nos ensinamentos de Saussure e Jakobson. Introduz no jargão psicanalítico o termo "Significante", mas não faz da Psicanálise uma Linguística.

Remeta-mo-nos ao texto da "Interpretação dos Sonhos", e nele ao capítulo em que Freud fala sobre a "Elaboração Onírica".

Após ter desmembrado o texto do sonho em conteúdo manifesto e idéias latentes, Freud afirma que cada um dos elementos do conteúdo manifesto está sobredeterminado e multiplamente representado nas idéias latentes, de tal forma que, não só se acham multiplamente determinados os elementos do sonho pelas idéias latentes, senão que cada uma destas se acha ela mesma representada no sonho por vários elementos.

Freud descreve a textura de uma rede.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Desta forma cria-se uma espécie de elemento comum intermediário - o elemento onde se produziu a condensação - que permite uma múltipla determinação, a qual facilita o acesso ao conteúdo manifesto. Para a formação deste produto intermediário levou-se a cabo um deslocamento da atenção daquilo que foi realmente pensado, para um elemento próximo na associação.

Esta construção de elementos comuns intermediários seria aquilo que Freud descreve como condensação.

Freud mostra como se pode reconhecer como peculiaridades do trabalho de condensação, a seleção de elementos repetidamente emergentes nas idéias latentes, a formação de novas unidades - pessoas coletivas e produtos mistos - e a construção de elementos comuns intermediários.

Demonstra como o trabalho de condensação do sonho se faz mais do que nunca evidente quando toma como objetos as palavras e os nomes. As palavras são tratadas com frequência pelo sonho como se fossem coisas, e sofrem então iguais uniões, deslocamentos, substituições e condensações que as representações das coisas. O resultado destes sonhos é a criação de formações verbais singularíssimas e às vezes cômicas.

Freud descreve ainda outra modalidade de condensação onde ocorre a construção de uma pessoa coletiva. Isto se produz fundido em uma imagem onírica os traços reais de duas ou mais pessoas. Um único traço acha-se duplamente determinado, sendo comum, na realidade a ambas as pessoas.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Um terceiro modo diferente de condensação é aquele que se leva a efeito através do procedimento de Galton. Isto é, pela superposição de imagens, donde ficam ressaltados os traços comuns e destruídos os diferentes, que aparecem então só vagamente na imagem.

Desta forma descreve Freud, no texto da "Interpretação dos Sonhos", o trabalho de condensação, a qual toma palavras ou imagens superpondo-as, acrescentando ou eliminando partes, como se elas fossem coisas.

Freud enunciava, ao falar da condensação, a forma de causação do sintoma. Não mais uma causalidade linear, direta. O sintoma, ou no caso o sonho, é sobredeterminado. A causação é em rede. Uma rede que se tece em pontos de condensação.

Ao falar da condensação toca também na questão da "coisa", ponto importante dentro da teoria psicanalítica, que será trabalhado por Lacan posteriormente, e definido em torno da questão da falta e do significante, e situado em relação aos registros do Imaginário, Real e Simbólico que ele introduzirá.

Condensação e deslocamento são processos indissociáveis.

O deslocamento é essencialmente uma forma de dar conta da censura, e consiste em dar ênfase a uma parte não censurável do material, mas que remete, está associada a outra, esta censurada.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Desta forma, os elementos revelados como componentes essenciais do conteúdo manifesto estão muito longe de desempenhar igual papel nas idéias latentes. A questão articulada no sonho acha-se diferentemente centrada, ordenando-se seu conteúdo em redor de elementos distintos, daqueles que são centrais no conteúdo manifesto.

Na elaboração onírica exterioriza-se um poder psíquico que despoja de sua intensidade elementos de alto valor psíquico, e cria, pela sobredeterminação, outros elementos menos valiosos, que passam então ao conteúdo manifesto. Quando assim sucede terão tido efeito, na formação do sonho, uma transferência e um deslocamento das intensidades psíquicas dos diversos elementos, processos de que parece ser resultado a diferença observável entre o texto do conteúdo manifesto e do latente. O processo que assim descrevemos constitui precisamente a parte essencial da elaboração dos sonhos e foi denominado por Freud de deslocamento. Deslocamento e condensação são dois operadores a cuja atividade devemos atribuir principalmente a formação dos sonhos.

Lacan introduz o termo *significante* no jargão da Psicanálise e o define:

"A função *significante* tem um nome, metonímia, ou seja a parte tomada pelo todo".

A parte tomada pelo todo é a tradução literal da palavra alemã *Verschiebung*, que foi traduzida por deslocamento.

A estrutura metonímica é a conexão do *significante* com o *significado*, que permite a elisão através da qual o *significante* instala a carência do ser.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A metonímia é este processo que faz com que se tome uma coisa, palavra ou pessoa, enfocando uma de suas partes ao invés do todo, decentrando a atenção para esta parte em detrimento do todo, o que permite falar deste todo sem ser percebido, burlando a censura. Esta é a operação feita pela metonímia ou deslocamento.

Se Freud, e principalmente seus seguidores deram ênfase ao aspecto econômico deste mecanismo, Lacan vem tomá-lo por outro ângulo, estruturalmente, tópicamente denominado-o significante, para precisá-lo como função, como operador.

Chamar a Verschiebung de significante é retirá-la do registro econômico para recolocá-la no registro da palavra. Ao invés da palavra toda, parte da palavra. Ao invés de barco, vela. Mas também vê, veu, etc. Pois como o demonstra Sanssura não existe relação de necessidade entre a coisa e o nome que a ela se dá. O significado desliza sob o significante S, estando
S

ambos separados por uma barra. São dois fluxos que correm paralelamente. É justamente isto que permite a operação metonímica.

E quanto à Metáfora diz Lacan: "A centelha criadora da metáfora jorra entre dois significantes dos quais um substitui o outro, tomando-lhe o lugar na cadeia significante, o oculto permanecendo presente pela sua conexão metonímica com o resto da cadeia".

Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora.

A metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no fora de sentido, isto é, nessa passagem da qual Freud descobriu que, transporta ao contrário, dá lugar à palavra plena, e em que se vê que é seu próprio destino que o homem desafia pelo escârmio do significante.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A metáfora ou condensação ou ainda Verdictung, é uma montagem.

A metáfora é uma superposição metonímica de cadeias de metonímias.

Assim, não devemos tomar o dedo como dedo, mas é como palavra metafórica que temos que tomá-lo, para desmontá-lo depois em cadeias associativas, isto quando este dedo aparecer como suporte de um sintoma.

Nisto consiste o transpor a passagem que é a metáfora, ao contrário. A metáfora é passagem para a história do sujeito, através do que ele se posiciona frente a mesma.

A metáfora deve ser desmontada. O sintoma deve cair aos pedaços no processo analítico de deciframento.

A interpretação analítica não é interpolação de sentido, mas jogo sobre o equívoco.

Não é minha intenção neste trabalho esgotar o tema "sintoma".

Ocupei-me em descrever de forma sucinta este conceito psicanalítico para que ficasse explícita a forma como o enfoquei na análise dos protocolos do capítulo II.

Partindo do significante Lacaniano, busquei nestes protocolos formações metafóricas.

Este foi o critério que utilizei para o encaminhamento dos casos, no seguinte sentido.

Detendo-me nos dois primeiros casos, de crianças aparentemente deficientes, por exemplo, penso que se tratava de diferenciar se esta deficiência era aparente ou efetiva.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O encaminhamento resultante desta diferenciação seria ou uma reeducação ou uma análise.

A experiência tem nos mostrado que, em se tratando de pseudo-deficiência, as reeducações só fazem agravar o sintoma, e são portanto contraindicados.

Foi o que aconteceu com o primeiro dos dois casos. em que R.L.T. nos volta pior do que estava no primeiro exame.

O que eu buscava em minha análise do protocolo era uma formação metafórica, que indicaria para um atendimento psicanalítico.

Da mesma forma nos outros dois casos. A diferenciação que eu buscava era quanto à estrutura decorrente da articulação dos significantes demarcados nos protocolos.

Isto esclarece igualmente quanto ao critério adotado para o estabelecimento de nosso diagnóstico diferencial.

A rigor não costumo me deter na estrutura clínica, em um primeiro momento do estudo do caso, e sim se o sintoma que traz a pessoa à clínica é metafórico.

Se a metáfora é nosso campo de trabalho, é sua presença que vai determinar se tomamos o caso ou não.

Isto pode parecer tautológico quando se trata de uma clínica, mas de fato não o é. Em uma Instituição as pessoas chegam em geral por indicação de terceiros, e não têm muito clara a especificidade de nosso trabalho.

Assim, trata-se antes de mais nada de esclarecer este ponto, para em seguida, ou concomitantemente, formar com a pessoa que nos procura a questão apontada pelo sintoma que a traz.

E neste sentido que digo que o trabalho de Estudo do Caso é uma etapa importante quando se trata do trabalho institucional.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Se o sintoma é metafórico resta ainda saber qual a estrutura clínica que o sustenta.

Neurose, Perversão e Psicose são os grandes grupos, que se distinguem a partir da operação do recalçamento ou da forclusão.

No neurótico opera o recalçamento, e o produto da neurose é o sintoma.

O sintoma é portanto produto específico da neurose. Dizer sintoma já é dizer sintoma neurótico.

O sintoma é o significante presente como excluído. O recalçamento não produz sintomas, mas é o sintoma que é ele próprio recalcante.

Porisso, ter sintomas é recalcar, e satisfazer à condição principal da estrutura neurótica.

No que se refere à perversão, diz Lacan em 1960: "...a perversão acentua apenas a função do desejo no homem".

O inconsciente aparece aí a céu aberto, não estando submetido a outro recalçamento que o recalque original.

O perverso não está fora da lei, e não ignora o outro enquanto tal. Muito pelo contrário. Ao fazer-se instrumento do gozo do Outro, ele está assujeitado à lei. A lei do perverso é no entanto outra lei, diferente da lei da castração e do desejo.

A interpretação perversa da castração é a lei do gozo. A lei comanda a transgressão, é, ela mesma, transgressora.

O significante da lei aparece no real, como um objeto. É o fetiche.

O fetiche corresponde na perversão ao sintoma neurótico.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Se a perversão é difícil de destacar como fenômeno patológico é porque o fetiche surge de uma forma diferente da do sintoma, não mais como excluído, mas oferecendo-se ao uso, mais exatamente como o recibo daquilo que faz a lei.

Uma vez que o fetiche faz a lei, ele já não realiza o recalçamento, mas nega a castração e o significante do desejo.

Da mesma forma que o sintoma está para a neurose e o fetiche para a perversão, está a alucinação para a psicose.

A alucinação aparece como sendo o fenômeno característico da psicose.

Lacan demonstra o efeito de um processo próprio à estrutura psicótica, que é a forclusão.

A forclusão se opõe ao recalçamento.

Lacan se apoiou, para introduzi-la, na distinção feita por Freud no caso de uma alucinação infantil do homem dos lobos, entre a Verdrangung ou recalçamento e a Verwerfung ou rejeição ou ainda recusa.

Em Freud, a distinção vem apenas esboçada, e permanece ocasional. A teoria do significante permite dar-lhe todo seu sentido. Lacan caracteriza o processo de forclusão da forma que segue: "o que não veio à luz do simbólico, aparece no real", fórmula que deve ser explicitada para mostrar como se efetua o evitamento da castração na estrutura psicótica, onde o princípio organizador é a identificação imaginária ao falo, isto é, que se está fora de toda falta.

Assim, a alucinação é a aparição no real disto que não veio à luz do simbólico.

O neurótico, portanto, não realiza o desejo. O perverso o realiza. E o psicótico não tem desejo.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pela forclusão do significante Nome-do-Pai, da lei, esta não pode ser transgredida. Não havendo lei, não há desejo.

Sintoma, fetiche e alucinação aparecem no real e são da ordem do significante.

Trata-se pois de saber ao nível do Estudo do Caso, quem se queixa e a partir de onde se queixa.

Longe de pretender fazer uma exegese do tema, nem mesmo dentro da obra de Lacan, detenho-me sobre a questão apenas para fazer ressaltar a importância da contribuição psicanalítica ao estudo das neuroses, perversões e psicoses.

Importância que reside em tirar esses fenômenos da ordem biológica, para recolocá-los na ordem do sentido, da palavra.

E ainda para esclarecer os conceitos que fundamentam o trabalho que desenvolvo no Estudo de Caso, este fragmento do trabalho clínico que vai da triagem ao encaminhamento do caso.

Volto-me sobre este fragmento por julgá-lo muito importante no que tange à decisão que tomamos aí.

E justamente quando não podendo saber ainda do que se trata, temos que decidir para onde e como devemos encaminhar um caso.

O sintoma é equívoco.

Retomando os casos que apresentei, não posso saber ainda até onde R.L.T. poderá se desenvolver, ou mesmo se R.A.F. chegará um dia a utilizar-se de suas potencialidades, e assim por diante.

Ao fazer um parecer sobre um caso, o Psicólogo é convidado a tomar uma posição que vem investida de uma autoridade, e que intervém na vida das pessoas que o procuram.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Urge que se proceda a uma sistematização teórica na área do Psicodiagnóstico, de tal forma a possibilitar que esta etapa do trabalho do Psicólogo possa ser abreviada, para que este possa fazer face àquilo que oferece enquanto trabalho clínico, ou seja, que possa encaminhar adequadamente os casos que a ele recorrem.

O presente trabalho é uma proposta para viabilizar isto.

Os conceitos apresentados neste capítulo são os princípios que a sustentam.

A análise estrutural proposta para o Teste de Pfister é um meio para atingir este fim.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPITULO

1. Freud, S. - Estudos sobre a Histeria (1895) - in Obras Completas, Madrid Editorial. Biblioteca Nueva - 1973.
2. Freud, S. - A Interpretação dos Sonhos (1900) in Obras Completas, Madrid Editorial, biblioteca Nueva - 1973.
3. Freud, S. - A Questão da Psicanálise Profana (1926) in Obras Completas, Madrid Editorial, Biblioteca Nueva - 1973.
4. Lacan, J - A Significação do Falo (1958) in E'crits, Editions du Seuil, Paris - 1966.
5. Lacan, J - A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957) in E'crits, Editions du Seuil, Paris - 1966.
6. Lacan, J - A terceira (1974), in Che vuoi, revista da Cooperativa Cultural Jacques Lacan, outono de 1986, ano 1, No. zero.
7. Juranville, A - Lacan et la philosophie (1984) - Presses Universitaires de France - 1984.
8. Lacan, J - Kant avec Sade (1960) - in E'crits, Editions du Seuil, Paris - 1966.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Diante de uma tal colcha de retalhos marquei as constâncias mínimas encontradas, as repetições de cor, pois, se alguma estruturação puder ser encontrada aí, esta só poderá decorrer dessas constâncias.

Novamente, Pirâmide Bonita I

Resulta a repetição das seguintes cores: Branco (B), Vermelho 1 (Vm1), Azul3 (Az3) e Amarelo2 (Am2).

Repito o procedimento para as demais pirâmides bonitas.

Desta forma, para a Pirâmide Bonita II resulta a repetição das seguintes cores:

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Branco (B), Azul2 (Az2) e Azul4 (Az4).

Essa segunda pirâmide classifica-se também como um tapete desequilibrado ou disperso, com características de tapete furado.

Para a Pirâmide Bonita III temos:

Trata-se de uma camada policromática: "Cada linha horizontal da pirâmide é formada por uma cor" (Justo e Kolch, 1976 - pg. 112).

Repetem-se as cores: Laranja2 (La2), Amarelo2 (Am2), Vermelho1 (Vm1) e Azul4 (Az4).

Aí está reproduzida a sequência das pirâmides bonitas, que nos permite a seguinte elaboração:

Marcamos a repetição da forma que Lacan sugere que pontuemos o significante, ou deslocamento ou metonímia ou a parte tomada pelo todo.

A metonímia apoia-se na conexão da palavra por palavra. Como dizia na introdução, o artifício foi tomar a cor como letra, e não mais como número. Se assim foi feico, foi no sentido do significante de Lacan. Desta forma, em nosso caso a metonímia ou deslocamento passa a se apoiar na conexão de cor por cor.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Quando marco as repetições, estou marcando então as cadeias metonímicas.

Na Pirâmide 1: B, Am2, Vm1, Az2.

Na Pirâmide 2: B, Az2, Az4.

Na pirâmide 3: Az2, La2, Am2, Vm1, Az4.

São essas as cadeias associativas, as cadeias metonímicas.

Elas se entrecruzam, deslizam no decorrer do teste, na pirâmide e de uma pirâmide para outra.

O Branco vai da pirâmide 1 para a pirâmide 2.

O Azul2 vai da primeira, para a segunda e para a terceira.

O Azul4 passa da pirâmide 1 para a pirâmide 3.

O Amarelo2 vai da pirâmide 1 para a pirâmide 3.

O Vermelho1 também passa da pirâmide 1 para a pirâmide 3.

Foram observados e marcados deslocamentos que ocorreram em dois níveis, a saber: na pirâmide e na sequência de pirâmides.

A metonímia ou deslocamento apoia-se aqui, na conexão da cor por cor.

"Supõe-se que a cadeia significativa é suportada pelo vetor SS' em seu cruzamento redobrado pelo vetor S.

CADEIA DE SIGNIFICANTES

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A cadeia significativa (SS') deve encontrar-se na frase - aqui tomamos a pirâmide e em outro nível a sequência de pirâmides - na medida em que ela só toca sua significação em seu último termo, cada termo estando antecipado na construção dos outros, e inversamente, selando seu sentido por seu efeito retroativo" (Lacan, J - 1978 - cap. 6).

Isto é, que só após a sua repetição é que sabemos (retroativamente) que se tratava de um significante, visto que não seria jamais possível argumentar, após o exame de sequência de 3 pirâmides, tratar-se de uma coincidência, de um fato casual.

E esta é a razão que me leva a afirmar que B, Am2, Vm1, Az2 e Az4 são significantes ou deslocamentos, promovedores da estrutura que subjaz à conformação em tapetes ou em camadas.

Poderíamos até mesmo dizer, no caso dos tapetes, da deformação, uma vez que o resultado da superposição dessas cadeias associativas, dessas cadeias metonímicas, resulta em uma imagem deformada.

A saída encontrada pela pessoa que produziu esse protocolo foi a de romper com a estruturação em tapetes e partir para as camadas, assentando-se, no entanto, nos mesmos significantes de que partira nos tapetes anteriores.

Vale dizer que a camada também pode ser entendida como deformação, uma vez que estratifica a figura em listas, ignorando sua simetria.

A pessoa que produziu este protocolo via-se em dificuldades em lidar com essa simetria. A solução de compromisso encontrada por ela foi a de quebrar com essa alternativa e partir para as camadas. Isto só pode ser afirmado com segurança se nos apoiarmos na sequência de cores significantes.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Denomino a cada figura, tapete, camada ou estrutura, da forma como ela resulta da transposição de cadeias associativas, de uma condensação ou metáfora, segundo a definição: estrutura de sobreposição de significantes.

"A centelha criadora da metáfora jorra entre dois significantes dos quais um substitui o outro tomando-lhe o lugar na cadeia do significante oculto, permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia. A metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no sem sentido" (Lancan, J - 1978 - cap. 6).

Ao nível da sequência de pirâmides, podemos também ver a terceira pirâmide bonita como condensação. Ela se compõe a partir de significantes das duas primeiras pirâmides em tapetes. Quebra com a tendência tapete - sem sentido - estruturando-se em camadas - forma ordenada, constituindo uma criação através da superposição de significantes.

A partir do acima descrito pode-se distinguir dois níveis de condensação.

Em cada pirâmide em que se possa encontrar mais de um significante, teremos uma condensação, resultante da superposição dessas cadeias.

A condensação da terceira pirâmide bonita indica um segundo nível de amarração dessas cadeias associativas. Aqui a superposição trabalha ao nível da sequência de pirâmides.

Condensação e deslocamento resultam indissociáveis.

Fica feita desta forma a passagem para o contexto do Teste de Pfister, destes dois conceitos psicanalíticos.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Como articular isto ao nível do estudo de caso?

Se o sintoma é metáfora, temos, somente nesta sequência, a formação de 3 metáforas segundo dois modos diferentes de estruturação - tapetes e camada.

Resulta da visão psicanalítica, aplicada aqui a análise dessas estruturas, uma visão dinâmica do sintoma.

Digo dinâmica em oposição a estática.

Já não há mais "o sintoma", mas sintomas, amarrados em um tecido feito de nós. E podemos acompanhar, no decorrer do teste, o processo dessa "tecelagem", dessa produção..

Este "sintoma", visto à luz da psicanálise, é da ordem do sentido. Articula-se como linguagem, segundo a estrutura da linguagem - Metáfora e Metonímia. Tem estrutura de linguagem.

Difere do sintoma médico, visto como sinal.

Decorre igualmente do fato de ver o teste desta forma, a constatação de dois níveis de estruturação da figura, uma imediata, e outra subjacente, e da forma como o trabalho de condensação e deslocamento inconsciente produz a estruturação em tapetes e camadas.

Vista desta forma, a estruturação em tapetes deixa de ser uma forma desestruturada, desordenada de resposta.

Neste caso particular ela deve ser dita metafóricamente estruturada.

Em termos da aplicabilidade prática desta forma de enfoque do Pfister eu digo que o Teste fica habilitado a produzir um parecer quanto à natureza do sintoma, se ele é analisável, se é da ordem do sentido, ou não.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A partir desse tipo de leitura não temos acesso ao significado, mas à estrutura do protocolo.

Isto é coerente com a teoria que embasa esta leitura.

O destino do sintoma é cair aos pedaços. A Psicanálise trabalha decifrando a metáfora, desmontando-a em cadeias associativas, que serão acompanhadas para a reconstrução da história do analisante.

A leitura do Teste de Pfister resulta esquemática, na medida exata da limitação de um Estudo de Caso.

Entendo que o estudo de caso deva ser ágil. Que deva tomar o tempo suficiente para levar a termo a dupla tarefa a que se propõe: a decisão sobre o encaminhamento por parte do psicólogo, e a transformação, por parte da pessoa que o procura, de sua queixa em uma questão.

E ainda, é diferente dizer que a pessoa que produz um protocolo em tapetes tem uma personalidade indiferenciada e, em contraposição, descrever o tecido metafórico que subjaz, que produz o tapete.

O encaminhamento, no primeiro caso, poderia ser orientado no sentido de achar que ela não teria elementos para acompanhar um trabalho psicanalítico, por ser indiferenciada.

A análise do protocolo utilizado como ilustração neste capítulo atestaria que esta orientação estaria errada, e que, pelo contrário, o encaminhamento adequado seria justamente uma psicanálise.

Relembro neste momento que estou partindo de um referencial teórico específico, que é o psicanalítico, e, neste sentido, adaptando o teste para um uso dentro do trabalho de Psicodiagnóstico conduzido por profissionais com esta mesma formação.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Isto não significa, no entanto, que a Psicanálise seja a única orientação correta, ou possível, apenas que é o referencial que adotei em minha formação.

Penso que cada doutrina orienta suas Entrevistas Preliminares em um sentido, buscando aqueles elementos demarcados como importantes para o estabelecimento de um parecer.

Neste sentido, para o analista, interessam os sintomas metafóricos. Na ausência da estrutura metafórica há que encontrar a indicação mais adequada.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPITULO

1. Justo, H. e Kolck T.v. - "O teste das pirâmides de cores" - Vetor Editora Psicopedagógica Ltda. - 1976
2. Lacan J. - "Escritos" - Ed. Perspectiva 1978.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

V - CONCLUSÕES

A hipótese inicial desse trabalho é a de que a estruturação em tapetes não é uma resposta desestruturada.

A análise efetuada em protocolos do Teste de Pfister vendo a cor como letra, como significante, mostra que a estruturação em tapetes não é desordenada, mas estruturada, comprovando nossa hipótese inicial.

Ou poderíamos dizer ainda com mais exatidão que há casos em que ela não é desestruturada.

Foi o que aconteceu nos casos apresentados, mostrando que a estruturação em tapetes é um modo de estruturação cuja especificidade recai na falta de contornos, que dá à figura um caráter de aparente desordem.

A resposta em tapetes não é uma resposta casual.

Ela obedece a uma estrutura específica, que se 'desenha a cada vez de uma forma diferente, em geral excêntrica à figura apresentada à pessoa que se submete ao teste.

Isto foi ilustrado com três casos clínicos.

O quarto caso vem para mostrar que também no caso das estruturas, ou mesmo no caso das camadas, a mesma análise de significante pode ser feita, até com muito maior facilidade. O significante é mais claro, não precisa ser "pesquisado", procurado, como no caso do tapete.

Observamos ainda na análise dos tapetes que tais relações de cores significantes podem aparecer segundo 3 formas diferentes: relacionando-se duas a duas, três a três e quatro a quatro.

Isto abre campo para uma nova conclusão.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Uma vez que o tapete é uma estruturação sem contornos, podemos afirmar agora que esta estrutura pode se ordenar segundo três níveis diferentes: a camada (dois a dois), e a estrutura, que pode ser bidimensional (três a três) ou tridimensional (quatro a quatro).

Tudo se passa como se tais tapetes estivessem "prenhes" das estruturações em camadas ou estruturas.

Ou ainda, que esta percepção destorcida do tapete resultasse de um posicionamento da pessoa em relação ao objeto a ser percebido, de tal forma que a percepção resultante fosse o tapete, estando a possibilidade de ver de outra forma (camada ou estrutura) já impressa nessas relações mínimas de cores (dois a dois ou três a três).

O tapete seria um corte feito na figura, que é vista em perspectiva.

Ao analisar um tal protocolo, o profissional deve ver a figura como um sólido geométrico, em três dimensões, para poder dar conta destas formas de resposta ao Teste de Pfister.

O caso 2, apresentado no capítulo II, é um bom exemplo disto.

O menino, um tanto escorregadio, brinca com este sólido geométrico, compondo-o segundo diversas formas.

Ele trabalha a figura segundo perspectivas a cada vez diferentes, não se fixa.

Isto não quer dizer que ele não seja capaz de estabelecer relações entre as cores. Ele o faz, algumas vezes de forma muito complexa, mas o resultado tem sempre a mesma aparência, o tapete.

Isto não quer dizer, por outro lado, que o menino saiba que é capaz desta reversibilidade. Ele vê tapetes.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Não estou querendo dizer que tapetes, camadas e estruturas sejam equivalentes. Desejo marcar apenas que elas não se hierarquisam.

O tapete não é menos estrutura que o manto ou a escada. É apenas uma outra forma.

Neste sentido cabe ainda uma terceira conclusão.

O tema desta pesquisa decorre de uma lacuna encontrada na bibliografia relativa ao Teste de Pfister.

Esta bibliografia, principalmente no que se refere à análise do modo de estruturação das pirâmides, provém do exterior, em sua maioria da Alemanha.

Concluimos a partir do trabalho aqui apresentado que a bibliografia fala de uma especificidade cultural, algo próprio ao alemão.

No caso do tapete estamos diante de uma produção nacional, brasileira.

A estruturação em tapetes é muito frequente na população que procura instituições como a Clínica Psicológica da USP, a vara de menores, a FEBEM.

Está claro que afirmamos apenas na medida de nossa experiência clínica. Uma afirmação mais conclusiva pediria evidentemente um trabalho estatístico de recenseamento, que não foi efetuado aqui por fugir aos objetivos aos quais nos propusemos para o presente trabalho.

Nossa terceira conclusão não passa portanto de uma hipótese.

Assim, se é verdade que o brasileiro, o povo, a nossa população de baixa renda, percebe em termos de tapetes no Teste de Pfister, poderíamos afirmar que isto estaria fazendo referência a uma forma de "contornar" a lei, aquela característica do

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

nosso malandro, que tem sempre um jeitinho para dar nas coisas, que se faz de bobo mas que não o é.

A passagem que fizemos aqui, esta mudança de perspectiva, ela nos foi permitida, possibilitada por Freud.

Foi ele quem subverteu a formulação cartesiana: "Penso, logo existo".

Em Freud eu passo a existir justamente ali onde não passo a existir justamente ali onde não penso pensar, ali onde tropeço, esqueço, falho.

Foi Freud ainda quem desenvolveu um instrumento de análise do irracional, do louco, do desestruturado.

Fica restando ainda uma última questão, que seria a da aplicabilidade de nossas conclusões.

Penso que elas são de aplicabilidade imediata no plano do Psicodiagnóstico.

Propor um tal tipo de análise para o Teste de Pfister, assim esquemática, é coerente com aquilo que Lacan afirma, de que o significante se antecipa ao significado. E entender que a queixa que traz uma pessoa à clínica é da ordem do significante, não tem ainda um significado.

Não devemos passar a interpolar sentido à sua queixa, mas sim determinar sua estrutura.

[Ou seja, de que o diagnóstico deve sempre ser um diagnóstico diferencial.

Ou ainda, que aquilo que devemos triar, são os casos aos quais podemos, a partir de um referencial psicanalítico, prestar serviço. Devemos portanto selecionar aqueles sintomas, no sentido psicanalítico do termo, metafóricos.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Para tanto o Teste de Pfister, tal como o apresentamos aqui, seria um instrumento a ser utilizado com vantagem uma vez que permite uma triagem rápida, e assim um rápido encaminhamento dos casos.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

VI - APENDICE - RESENHA BIBLIOGRAFICA DA
PESQUISA EXISTENTE EM TORNO DO TESTE DE
PFISTER

O Pfister que cria o teste que leva seu nome não é Oscar Pfister, fundador da Sociedade Suíça de Psicanálise.

É Max Pfister (1889 - 1958), nascido em Zurich - Zollikon, filho de encadernadores famosos em sua época.

Max Pfister tem uma formação rica e variada. Tem seus dotes artísticos cultivados, de tal forma que em sua adolescência começam a surgir suas primeiras manifestações no setor das artes, com incursões na música, poesia, desenho, pintura e arte teatral.

Formou-se arquiteto e depois dedicou-se ao balé e à coreografia, tendo brilhado nos palcos sob o pseudônimo de Max Terpfis.

Posteriormente entra para o Instituto de Psicologia Aplicada onde faz o Seminário para formação nesta área.

O Teste de Pfister surge como tese de conclusão de seu curso de Psicologia. Recebe neste momento o nome de "Psychodiagnostischer Versuch" (tentativa de Psicodiagnóstico).

Apresentava como material: uma folha de papel em branco sem pauta sobre a qual se deveria traçar o esquema de uma pirâmide. A referida pirâmide era constituída de 5 degraus, sendo a sua base dividida em 5 espaços iguais de 2,5 cm² cada um, seguido imediatamente de outro degrau, dividido em 4 espaços também de 2,5 cm² cada, depois outro, dividido em 3 espaços, mais outro dividido em 2 espaços, terminando por um só espaço, que constituiria o ápice da pirâmide.

Fazia parte do material uma série de papezinhos coloridos, espécie de etiquetas, em tons variados perfazendo um

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

total de 10 cores e 24 tonalidades diferentes. Tais etiquetas coloridas tinham dimensões padronizadas, também de 2,5 cm² cada, de modo a coincidir perfeitamente com os espaços que constituíam os degraus da pirâmide.

Como instruções para a execução do teste, Pfister dizia ao examinando: "Você tem aqui uma quantidade de papezinhos coloridos. Escolha as cores que quiser, as que sejam de seu agrado, e vá colocando-as sobre esta folha de papel, de modo a formar uma pirâmide colorida. Você terá liberdade de modificar ou trocar as cores quantas vezes quiser, até que a figura esteja a seu gosto. Quando você tiver terminado sua tarefa, colocaremos os papezinhos nos seus lugares. Não há necessidade de se apressar. A prova não depende de tempo".

Pfister já havia chegado a algumas conclusões nos primórdios de suas investigações, sendo essas conclusões consideradas válidas até hoje, após aprofundados estudos.

Referem-se sobretudo ao valor sintomático das cores e suas relações com estados ou reações emocionais correspondentes. Pfister, que teve em sua carreira uma vivência relevante como bailarino e coreógrafo, inspirou-se nela intuitivamente para propor suas interpretações.

Propunha que o vermelho estaria em relação com necessidades instintivas, afetos e suas manifestações, das mais suaves às mais violentas, em direção extroversiva;

O azul estaria relacionado mais diretamente a uma disposição introversiva das funções emocionais como das intelectuais, podendo estar relacionado à racionalização ou sublimação e à capacidade de intuição;

O amarelo corresponderia a anseios volitivos e ligar-se-ia à disposição afetiva e à iniciativa.

O laranja indicaria vontade deliberada de agir e se fazer valer através da ação.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

O verde mostraria o grau de adaptação ao ambiente, a capacidade de contato;

O violeta corresponderia à busca de equilíbrio entre o pensar e o sentir;

As cores neutras preto, cinza e branco estariam ligadas mais diretamente ao inconsciente.

Considerações também eram feitas, já nessa ocasião, em torno de valores de posição, sobre o modo de colocação, sobre os aspectos formais das configurações assumidas pelas cores e sua disposição na estrutura da pirâmide.

O grupo de Freiburg, chefiado por Robert Heiss e Hildegard Hiltmann, achou conveniente introduzir algumas modificações no que se refere a técnica de aplicação.

As instruções propostas por Pfister foram conservadas, tendo sido acrescentada a necessidade de fazer constar do material de cores um número de etiquetas em quantidade que permite ao probando confeccionar uma pirâmide de uma única cor ou mesmo empregando uma só tonalidade. O material colorido deveria conter, portanto, ao menos 15 etiquetas de cada matiz.

Outra modificação introduzida pelo grupo de Freiburg foi a que propôs o aumento do número de pirâmides a serem construídas. Desta forma, ao invés de solicitar a construção de apenas uma pirâmide, como foi proposto pelo autor, os pesquisadores do método propuseram a execução de três pirâmides. Isto porque a experiência comprovou que o aumento da extensão da tarefa beneficiaria em muito as conclusões diagnósticas, não só em termos de segurança e validade, como também em termos intrínsecos, uma vez que permitiria um maior desdobramento da personalidade.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Quanto a mim, em minha pesquisa com o Teste de Pfister, parti em primeiro lugar da pesquisa de validação estatística, trabalho que considero de "engenharia" do teste. Considero por outro lado que este desdobramento da tarefa em várias pirâmides é extramamente oportuno ao enfoque que passei a dar ao material, onde procuro cores que se repetem, "descolando-se" ao longo da pirâmide e na sequência de pirâmides. O desdobramento da tarefa propiciou em última análise, que eu desenvolvesse o método que demonstrei.

O grupo de Freiburg recomendou ainda que, de início, o examinando não deveria ter conhecimento do fato de que a prova consistiria de três pirâmides; somente após ter executado a primeira é que ele deveria ser informado da existência das duas subsequentes, exceção feita em casos de acentuada demora na execução da primeira pirâmide, caso em que o examinador poderia fazer alusão às outras duas.

A guisa de experiência o grupo de Freiburg incluiu em suas pesquisas o estudo das chamadas "Pirâmides Feias", que são solicitadas na mesma ordem que as bonitas.

Em meu caso, aplico a sequência completa de seis pirâmides, três bonitas e três feias, e tenho encontrado desdobramentos muito interessantes que são propiciados por esta ordem de aplicação, principalmente no caso dos tapetes.

Após a pesquisa levada a efeito em Freiburg, o material produzido pelo testando passou a ser avaliado segundo 4 critérios que exporei esquematicamente.

Esses critérios são:

- Fórmula do processo;
- Significação simbólica das cores;
- Síndromes;
- Estruturas.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

1. Fórmula do Processo

Após a aplicação do teste, as cores escolhidas pelo probando são classificadas segundo 4 categorias:

- A) Cores escolhidas nas 3 pirâmides. O total de cores assim empregadas nos fornece o índice de constância absoluta.
- B) Cores escolhidas em 2 pirâmides; este total nos fornece o índice de constância relativa.
- C) Cores escolhidas em 1 pirâmide. Este total dará o índice de variabilidade ou mobilidade.
- D) Cores não escolhidas em nenhuma pirâmide. Aqui teremos o índice de evasão.

A soma $A + B + C$ nos indica o horizonte psicológico, o grau de sensibilidade, de abertura do sujeito frente à estimulação.

$B + C$ indica o grau de labilidade afetiva.

C/D , o grau de excitabilidade.

A/D , a atitude frente ao mundo exterior.

A: B: C: D é a fórmula do processo que pode ser classificada como:

Escolha Constante Ampla
Escolha Constante Moderada
Escolha Constante Restrita
Escolha Flexível Ampla
Escolha Flexível Moderada
Escolha Flexível Restrita
Escolha Lábil Ampla
Escolha Lábil Moderada
Escolha Lábil Restrita

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Estas categorias assim estabelecidas se devem ao trabalho de Warner Schaie, que juntamente com Robert Heiss publicaram um manual do Teste de Pfister em 1964.

Elas nos permitem apreciar a resposta do sujeito ao teste quanto ao seu horizonte psicológico, isto é, a abertura do sujeito à estimulação que lhe é oferecida: se ele é amplo, moderado ou restrito; bem como quanto ao grau de flexibilidade de suas respostas: se ele é constante, flexível ou labil. O fundamento que orienta essas pesquisas é experimentalista. Analisa a resposta dada ao estímulo que é o teste apresentado ao probando, numa relação linear de causa e efeito.

2. Significação Simbólica das Cores:

~~Sendo o Teste de Pfister conhecido principalmente como um teste de cores, a maior quantidade de pesquisas se concentra em torno deste item.~~

~~Os primeiros dados que dão subsídio à interpretação simbólica das cores são atribuídos a Goethe, que, em uma abordagem de interiorização introspeccionista procura averiguar a repercussão de cada cor sobre o psiquismo. O próprio Pfister, conforme já comentamos há pouco, parte também deste trabalho de interiorização.~~

~~Afora estes critérios, a significação simbólica de cada cor foi estabelecida com base na tradição popular e submetida ao estabelecimento de normas de escolha a partir de uma amostra representativa.~~

~~Foram feitas também comparações com os resultados obtidos a partir da aplicação do teste em sujeitos que se encontravam sob o efeito de drogas que modificam certas características de personalidade, além da comparação dos resultados obtidos no Pfister com o restante do dossiê psicológico.~~

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Mais uma vez prevalece a visão de que deva haver uma relação direta entre o estímulo (cor) e a resposta dada pelo probando.

A partir de todo este trabalho de pesquisa, os resultados obtidos no Pfister podem ser convertidos em uma medida estatística denominada stem, que varia de 1 a 10, e que permite comparar o probando com grupos representativos da população.

De toda essa pesquisa resulta:

Vermelho: emoções rápidas, vivas, pouco profundas; sugestionabilidade, espontaneidade, pulsões instintivas; comportamento infantil e neurótico.

Laranja: extroversão mais sentimental, sem descarga imediata; comportamento caloroso, calmo, superestimação, perseguição, projeção de si mesmo no mundo.

Amarelo: dinamismo frio e lúcido, ambição, regulação, simpatias ou antipatias nítidas; agitador muitas vezes intolerante. Os doentes mentais o evitam.

Verde: sociabilidade, sensibilidade, contato de fundo psicológico. **Verde-Claro:** tendência extroversiva com impulsividade (vermelho) ou atividade (amarelo). **Verde-Escuro:** tendência introversiva, chegando a hiperemotividade e à inadaptação emocional (se vermelho, amarelo e laranja não aparecem).

Azul: regulação da afetividade; é a cor mais escolhida pelos sujeitos normais e também pelas crianças na idade da razão. **Azul Escuro:** racionalismo. Excesso de **Azul:** sujeito hipercontrolado.

Marrons: força de resistência psíquica, obstinação, teimosia, espírito de contradição. Frequente nas crianças difíceis e oposicionistas. Relacionar com a fase anal em psicanálise.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Violeta: pouco escolhido pelos sujeitos normais, exceto em caso de artistas, pintores e escritores onde é interpretado como sinal de criatividade. Indica em geral perturbações afetivas.

As três cores não-espectrais sugerem ou a existência de funções psíquicas reprimidas (se as outras cores aparecerem em pequeno número), ou debilidade dos mecanismos de defesa do ego e maturidade afetiva (no caso de as outras cores serem numerosas).

Negro: cor dos neuróticos, dos distúrbios da puberdade, dos sujeitos depressivos.

Cinza: é o menos empregado pelos indivíduos normais. Prudência, desconfiança, discrição, repressão e negação.

Branco: também pouco usado pelos normais. Frequente em esquizofrênicos, de notando seu vazio interior, ou em epilépticos, caso em que aparece associado ao vermelho. Reações explosivas bruscas, fugas. //

A interpretação das cores deve ser por configuração, e não por adição de sinais isolados. As tonalidades claras indicam geralmente a extroversão e as escuras, introversão.

Ainda no que se refere às cores o grupo de Freiburg introduziu uma nova modificação.

No ano de 1971, a editora Hans Huber publica um novo manual do Teste de Pfister, assinado por Robert Heiss e Petra Halder.

Este manual introduz uma modificação no material de teste. O conjunto original de etiquetas coloridas trazia alguns tons muito próximos. Isto acarretava uma certa confusão no momento da aplicação da prova, dificultando a anotação por parte do aplicador e trazendo um problema no momento da interpretação, pois

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

cores parecidas, deveriam conduzir a uma interpretação análoga. Os autores houveram por bem eliminar essas cores, passando a oferecer 14 matizes ao invés de 24. O manual traz também a reelaboração das normas estatísticas para o novo conjunto.

No Brasil esta inovação parece não ter sido bem aceita. Lê-se no manual de Vilemor Amaral - 1966. "Tivemos conhecimento de que se pretende fazer uma redução no tocante às diferentes tonalidades que compõem determinadas cores. Fomos em princípio, contrário a tais reduções. Acharíamos interessante que se fizesse, ao invés, um aumento na gama de tonalidades em geral".

Theodorus van Kolck e Henrique Justo publicam no Brasil um novo manual do TPC (Teste das Pirâmides Coloridas) pela editora Vetor, no ano de 1976, que não inclui menção a esta inovação.

Quanto a mim, sou de opinião que uma tal redução no número de cores empobrece o teste, tirando dele a ambiguidade, característica tão importante na construção de um teste projetivo. Explico-me melhor: a redução do número de cores para 14 diminui o espectro de respostas possíveis no que tange o modo de estruturação da pirâmide. Em consequência fica impossível ao probando montar determinadas formas, fato que se constata já na leitura do manual organizado por Heiss e Halder em 1971. O empobrecimento a que me referia é precisamente este, a redução do espectro de respostas possíveis, fazendo do Pfister quase que um teste de alternativas. Sou da opinião semelhante à de Vilemar Amaral. Acredito que quanto maior o número de cores, mais espaço para que o probando se configure, melhor fica o teste como projetivo, mais ele propicia uma interpretação subjetiva por parte do probando, e neste sentido, mais ambíguo é o material.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

3. Síndromes

Um terceiro item que concorre para a avaliação do TPC são as síndromes.

Síndromes são agrupamentos de duas ou mais cores, que em conjunto recebem uma significação especial, além daquela dada às cores componentes. São elas:

Síndrome Normal:

Composta pelas cores azul + vermelho + verde, únicas cores que apresentam uma distribuição estatística normal. Sua denominação advém deste fato. A omissão de uma destas cores dá ao protocolo um certo caráter de anormalidade. Fala portanto da equilíbrio psicológica do sujeito em causa.

Síndrome Acromática:

Preto + Branco + Cinza. Indica possibilidades adicionais de elaboração do jovem adulto.

Síndrome Fria:

Azul + Verde + Violeta. Mede a capacidade reguladora do afeto, o controle normal, natural, adaptativo e automático.

Síndrome de Estimulação:

Vermelho + Amarelo + Laranja. São as cores ligadas à extroversão.

Síndrome Não-Espectral:

Preto + Branco + Cinza + Marrom. Sua significação se parece com a da síndrome acromática, porém com uma mudança de acento. Indica a possibilidade de des-

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

vio ante a situação estimuladora interna ou externa irremovível.

Síndrome de Propulsão:

Verde + Marrom + Amarelo. Indica a capacidade do indivíduo de investir afeto em uma atividade produtiva.

Síndrome de Perturbação:

Excessiva preferência por uma determinada cor deve ser interpretada como sintoma patológico. O indivíduo emocionalmente perturbado apresenta geralmente porcentagem aumentada nas seguintes cores: Laranja, Violeta, Marrom e Branco.

Síndrome Frenadora:

Azul + Preto + Cinza. Revela o grau de capacidade inibidora.

Síndrome de Amortecimento:

Verde + Azul + Preto + Cinza. Inibição intensa da afetividade e defesa contra os estímulos.

Síndrome de Intra e Extraversão:

Obtêm-se subtraindo a síndrome fria da síndrome de estimulação. O resultado leva a qualificar o sujeito como intraversivo ou extraversivo. O valor esperado numa população brasileira adulta é de -7.

O estudo desta última síndrome, de Intra e Extraversão, foi objeto da tese de doutorado do Dr. Theodorus van Kolck, defendida no ano de 1973.

O Dr. van Kolck foi, no Brasil, o pesquisador mais importante desta técnica que é o Teste de Pfister.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Pesquisou seus resultados em grupos de delinquentes; em pessoas portadoras de imaturidade neurológica; suas variações em relação às variações de capacidade intelectual; a síndrome de propulsão; a comparação desta com o Teste de Rorschach e PMK; com o Teste de IES; a introversão - extraversão no TPC; o desenvolvimento da percepção visual da luminosidade, da cor e da cor-forma; a vivência da cor; entre muitos outros trabalhos (vide bibliografia).

Ao seu lado estão, no Brasil, o Irmão Henrique Justo, da PUC do Rio Grande do Sul, e Fernando Vilemor Amaral.

Resta o item estrutura, ou modo de estruturação das pirâmides, aquele sobre o qual se volta meu interesse na presente pesquisa, e em que pretendo me deter mais, resumindo aquilo que se encontra na bibliografia a respeito.

4. As Estruturas

Wewetzer (1951) sugeria que os aspectos estruturais da pirâmide poderiam nos informar a respeito dos aspectos estruturais da personalidade.. Sugere que a dominância da cor acompanha a estruturação lábil de personalidade, vista em crianças pequenas. Os padrões que envolvem a separação de cores representam um estágio intermediário de diferenciação da personalidade. Finalmente, a pirâmide onde predomina a forma é considerada como resposta típica de personalidade madura, estável, ou pelo menos bem diferenciada.

Desta forma, encontramos na bibliografia as estruturas divididas em três grandes grupos: os tapetes, as camadas e as estruturas propriamente ditas.

Spitsnagel, no ano de 1955, em sua tese inaugural, discute este critério de classificação. Seu trabalho dedica-se

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

exclusivamente a pesquisar o item estrutura no Teste de Pfister. Julga o critério de classificação das estruturas como sendo mal estabelecido, uma vez que não é unívoco. Ele nos mostra como são adotados na realidade dois critérios para a classificação das estruturas no TPC. Um deles, é histórico, utilizado para nomear tapetes, camadas, estruturas em manto, escada; o outro apoia-se na simetria, compreendendo as categorias camadas simétricas, estruturas simétricas, estruturas assimétrico-dinâmicas, etc.

Spitsnagem propõe-se então a encontrar um novo critério para classificar as estruturas e propõe para isto a simetria como critério. Resulta de seu trabalho a formulação de um índice que conjuga cor e forma, o Farb-Form-Index (índice cor forma).

O Farb-Form-Index decompõe-se em:

Índice de cor: número de tonalidades diferentes escolhidas em uma pirâmide, que significa psicologicamente o grau de suscetibilidade do sujeito,

Índice de forma: o número de figuras parciais de estrutura presentes.

As figuras parciais de estrutura podem ser: figura de plano, figura de polo, figura seriada, transposição.

O índice de forma indica a tendência à estruturação.

Quociente de campos: o número de campos da pirâmide ocupados pelas cifras de cor, através do qual fica visível o grau de flexibilidade da estrutura.

O quociente de campo juntamente com o índice de cor indicam a riqueza ou pobreza de formas, diferença de formas, etc.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

A fórmula esclarece também a que estímulo dentro da situação de teste responde predominantemente o sujeito, se à cor ou à forma, e com isso, qual das funções psíquicas é expressa.

Dá também uma noção sobre o processo pelo qual passa essa tendência à cor ou à forma durante a situação de teste desde o seu início.

Ele pode ser:

linear - indicando rigidez

descendente - indicando timidez e recolhimento

ascendente - sugerindo expansão, dilatação.

linear máxima - expansão através da manutenção do estreitamento.

linear mínimo - coartação baseada na manutenção da expansão.

O trabalho de Spitsnagel referente ao índice cor-forma consiste infelizmente apenas de sua idealização e validação estatística, ficando em aberto a parte interpretativa do mesmo. Spitsnagel aborda a forma perseguindo um ideal experimentalista de objetividade e buscando um caminho para a quantificação da forma dada à pirâmide. Este trabalho foi, ao que tudo indica abandonado, uma vez que as pesquisas posteriores referentes a forma da pirâmide prosseguem segundo a classificação tradicional.

Os tapetes são padrões que envolvem a dominância da cor.

Justo e Kolck (1976, pg 106) referem-se a eles como forma desordenada.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Albert Spitznagel (1955, pg. 40) refere-se à dilatação da cor. Afirma ainda serem os tapetes características das pirâmides feias, em oposição às estruturas, que apareceriam caracteristicamente nas pirâmides bonitas.

O autor justifica isto como decorrência das instruções. Em seu entender bonito é vivido psicologicamente como integrado. O que acarreta tensão, adaptação da cor à forma, controle, possibilidade de relação afetiva.

Feio, em contrapartida, é vivido como dessintegração, resultando múltipla interpretação da estrutura, aparecendo figuras parciais de estrutura como preponderantes, capacidade perturbada dessas funções parciais, menor capacidade de adaptação aos estímulos.

De acordo com a bibliografia existente sobre o assunto, podem aparecer quatro tipos de tapete: o tapete puro, o tapete desequilibrado ou disperso, o tapete furado ou rasgado, o tapete estruturado ou com início de ordenação.

Cabe notar, em um parentesis, que não se encontra na bibliografia uma nomenclatura unívoca para as estruturas. Isto fica refletido no parágrafo acima. Dessa forma temos vários nomes para um determinado padrão de forma.

Atribuo este fato à relativa falta de pesquisa na área. Os autores, no entanto, embora se utilizando de diferentes nomes, estão, via de regra, referindo-se aos mesmos padrões da estrutura.

Adam e Schneevoigt desenvolvem, em 1963, uma pesquisa preocupada em detalhar a dependência do tipo de estruturação em relação à idade, sexo, profissão e grau de instrução.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Concluem que o tapete mais frequente em mulheres de baixo nível de instrução do que em homens, aparecendo nos homens entre os 45 e os 75 anos.

Bauer e Vogt (1963) constataam que os tapetes diferenciam-se significativamente das camadas e estruturas pela maior utilização das seguintes tonalidades: Az4, Vd1, Vm1, Ma1 e Vi2; e das estruturas pela maior utilização da Am, La, Ma, Vi, P e C.

Resenhamos a seguir o que se lê na bibliografia acerca de cada um dos tipos de tapete.

a) Tapete Puro

Justo e Kolck (1976, pg. 107) descrevem-no como caracterizado por uma procura de harmonia de cores e portanto de afeto, uma vez que a cor, no Teste de Pfister, estaria evocando a afetividade do sujeito.

Schaie e Heiss (1964, pg. 56) procuram tornar a definição mais objetiva, colocando como critérios a ausência de contraste violento de cor (operacionalizado em tabelas) e a ausência de etiquetas contíguas de mesma cor.

Não seria típico de sujeitos lábeis, uma vez que para a sua realização é necessária muita concentração de atenção. Raramente encontrado em crianças, poderia ser interpretatado como evidência de flexibilidade criativa particularmente quando não há indícios de patologia nos escores de cor. É mais frequente em mulheres do que em homens.

O desordenado equilíbrio do tapete puro parece ser indicio de vida afetiva harmoniosa, maleabilidade criadora, sendo a ausência de ordem, porém,

**JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA**

um sinal de possível inconstância estrutural.

b) Tapete desequilibrado ou disperso

Há uma dispersão das cores, colocadas mais ou menos ao acaso. Falta-lhe harmonia, substituída aqui pelo acúmulo de tonalidades da mesma cor ou pelo contraste de matizes claros e escuros.

É característico da personalidade pré-pubertária, e é muito frequentemente visto nos protocolos de crianças pequenas.

É interpretado como evidência de desassossego e falta de estabilidade nos modos habituais de ajustamento.

O acima descrito é aquilo que se encontra na bibliografia a respeito do tapete desequilibrado.

c) Tapete furado ou rasgado

Caracterizado pela elevada escolha do branco, que não se enquadra na harmonia do conjunto.

É evidência de perturbação de personalidade, sendo frequentemente encontrado em protocolos de esquizofrênicos.

Wewetzer sugere que seja interpretado como sinal de desintegração progressiva da personalidade.

d) Tapete estruturado ou com início de ordenação

Caracterizado pela colocação das mesmas cores nos ângulos ou no eixo, no centro e no vértice. Pode aparecer sob a forma de início de camadas ou de estruturas simétricas. O conjunto

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

pode se parecer com um tapete puro ou disperso.

É interpretado como evidência de diferenciação crescente da personalidade e esforço para a obtenção de conduta estável, ou, como capitulação da vontade, crise da estrutura interna, conforme o contexto em que se apresente.

É muito encontrado em adolescentes.

A tentativa de estruturação pode ser descrita como sinal de flexibilidade se aparecer numa pirâmide que tenha também características de tapete puro. Numa pirâmide com características de tapete desequilibrado, provavelmente representara presença de defesas construtivas contra o sentimento de instabilidade. A tentativa de estruturação será considerada mais construtiva se envolver preferentemente os cantos ou o eixo da pirâmide, do que se for limitada a uma única camada.

As camadas, padrões que envolvem a separação de cor, ou equilíbrio cor-forma como expressa Spitsnagel, indicam diferenciação consideravelmente maior do que a dos tapetes. Revelam, por outro lado, compartimentalização, reações rígidas e pouca imaginação na estruturação da experiência do sujeito.

São mais frequentes nos homens, e nestes, mais naqueles de idade entre 18 e 44 anos, segundo Adam e Schneevogt (1963, pg. 35).

De acordo com Bauer e Vogt (1963, pg. 18), as camadas diferenciam-se das estruturas e dos tapetes, pois nestas aparece significativamente menos Amarelo, aparecendo o Vermelho, Marrom e Preto significativamente mais acentuados nas camadas do que nos tapetes.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Podem aparecer segundo 5 formas diferentes, conforme a bibliografia. São elas: pirâmide monocromática, camadas monocromáticas, camadas policromáticas, camadas simétricas, camadas estruturadas ou com início de ordenação.

a) Pirâmide Monocromática

Formada por uma só cor.

Spitsnagel (1955 - pg. 58) citou este tipo de estruturação entre os casos em que a estimulação da forma piramidal é tão importante para o sujeito, que ele responde praticamente apenas a ela, sem levar em conta a cor. Seria característica de sujeitos portadores de um controle formal extremo, afetivamente coartados.

b) Camadas Monocromáticas

Estrutura formada de uma só cor, apresentada em seus matizes dispostos em um gradiente, geralmente os mais escuros na base e progressivamente os mais claros nas camadas seguintes, em direção ao topo da pirâmide.

Segundo os autores já citados, trata-se de estrutura típica de oligofrênicos e hebifrênicos, e de crianças afetadas por perturbações psíquicas.

E interpretada como evidência de negação ou tentativa ativa de um sujeito negativista em se esconder e, interferir na interpretação do teste (Schale e Heiss, 1964 - pg. 295).

Revela, em geral, adaptação afetiva feita de forma cautelosa (Justo, 1972).

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

c) Camadas Multicromáticas ou Policromáticas

Cada linha horizontal de pirâmide é formada por uma cor.

Deve-se tomar em consideração o grau de contraste de cor entre as camadas, para determinar se seria mais válido interpretar essa estrutura como evidência de um modo rígido de resposta ou de tendência a apresentar distúrbio de personalidade.

d) Camadas Simétricas

Há ordenação simétrica das cores nas linhas horizontais, sem haver entrosamento entre as linhas.

É interpretado como evidência de cautela e timidez, em indivíduos razoavelmente bem diferenciados e relativamente estáveis.

e) Camadas Estruturadas, ou com início de Ordenação

Há um início de entrosamento entre as linhas.

É própria de indivíduos que se acham no limiar da maturidade psicológica, mas ainda ligados a alguma estereotipia, e não muito seguros de que podem confiar em seu próprio julgamento e experiência. Sua significação mais precisa decorre do tipo de camada utilizado.

É comum no final da adolescência ou em pacientes que evoluem em um processo psicoterapêutico.

JUSSARA FALEK ERAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

As estruturas, ou padrões que envolvem dominância ou dilatação da forma, são características de adultos normais bem diferenciados, e mais frequentes em mulheres do que em homens (Adam e Schneevogt, 1963, pg. 35).

Podem aparecer segundo quatro categorias: as estruturas simétricas, estruturas em manto, estruturas em escada e estruturas assimétrico-dinâmicas.

a) Estrutura Simétrica

A pirâmide, como um todo, vem organizada obedecendo a sua simetria. Há, portanto, continuidade de cor entre as linhas da pirâmide.

É um padrão maduro e adaptado, se acompanhado por uma escolha de cores dentro dos limites normais ou em direção aos extremos favoráveis. É, em geral, expressão de estabilização, resultado do equilíbrio da vida afetiva.

b) Estrutura em Manto

Pertence à classe das estruturas simétricas, onde os lados externos são da mesma cor, caracterizando uma capa.

É evidência de tendência ao encobrimento. Denota controle dos impulsos como defesa contra necessidades emocionais específicas. É evidência de repressão e deslocamento. A cor do manto representa o controle e o núcleo as necessidades de que o sujeito se defende.

Os conflitos envolvidos serão provavelmente mais fortes se o núcleo contiver muitas cores diferentes.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

c) Escadas.

As cores são dispostas verticalmente na pirâmide, de tal forma a constituir uma escada.

Sua presença pode indicar conflitos agudos e problemas neuróticos focais em uma personalidade bem diferenciada.

d) Estrutura Assimétrico-Dinâmica

A pirâmide é apreendida em sua tridimensionalidade e se constroem uma estrutura, que traz em si um movimento, e que não respeita a simetria da figura. É o modo mais maduro e flexível de manipular a pirâmide.

Indica imaginação e habilidade para transcender as respostas estereotipadas.

Fora desta linha, e numa perspectiva mais geral, está o trabalho de Timm (1963, pg. 1), que pesquisa a influência de diferentes tipos de modelos, estruturados segundo diversas formas, sobre o grau de estruturação da resposta. Ele escolhe 4 diferentes modelos: um completamente assimétrico, um retangular, uma estrela e a pirâmide standard. Constata que há uma correlação entre o grau de estruturação das respostas e o grau de estruturação do modelo mas que mais forte que esta influência do modelo sobre a resposta é a influência autôgena do próprio probando que corroborou o valor diagnóstico das estruturas, cuja confiabilidade é de 0,67 para uma única estrutura e aumenta em 0,86 na interpretação de três pirâmides.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

Encontramos nesta pesquisa a reafirmação da forma piramidal como sendo a melhor como técnica projetiva, ou seja, é ambigua e confiável. Esta confiabilidade aumenta com o aumento de pirâmides solicitadas, o que nos reassegura no pedido de 3 pirâmides bonitas e 3 feias.

Finalmente, Brangelmann (1953) relaciona os diferentes tipos de estrutura a grupos de sujeitos normais e patológicos, nada tendo encontrado de significativo, no entanto nesta linha de raciocínio.

JOSÉ MARIA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA NESTE CAPÍTULO

1. Adam, A und Schneevoigt,, I -
"Abhaengigkeit der Formung von Alter,
Geschlecht, Beruf bzw Schulbildung"
Beitrag zum FPT, 1963 (não publicado).
2. Alexander, F.; Eisenstein, S.;
Grotjahn, M - "A história da
Psicanálise através de seus pioneiros" -
Imago Editora - 1981.
3. Amaral, F. V. - "Pirâmides Coloridas de
Pfister" - Edições CEPA - 1966.
4. Anzieu, D. - "Os Métodos Projetivos" -
Ed. Campus Ltda - 1978.
5. Bauer, W. und Vogt, R. - "Weber Farb -
Form Zusammenhaenge" - Beitrag zum FPT -
1963 - (não publicado).
6. Brengelmann, J. C. - "Formale
Gestaltungen im Farb - pyramiden - Test
als Funktion normales und abnormales
Versuchsgruppen" Psychol Rundsch, Band
IV - 1953 - pg. 154.
7. Justo, H. - "Teste das Pirâmides de
cores" - PUCRS - 1972.
8. Heiss, R. und Halder, P. - "Der
Farbpyramidentest" Verlag Hans Huber -
1971.
9. Justo, H. e van kolch, T. - "O teste
das
pirâmides de cores" - Vetor editora
psicopedagógica ztd - 1976.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

10. Schale, K. W. and Heiss, R. - "Color and Personality" - Verlag Hans Huber - 1964.
11. Spitsnagel, A. - "Der Farb - Form Index im Farbpyramiden Test" - Inaugural Dissertation, 1955 (não publicado).
12. Timm, h. - "Der Einfluss Verschiedenen Struturieter Vorlagen und die Formungen" - Beitras zum FPP, 1963 (não publicado).

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

VII - LEVANTAMENTO BIBLIOGRAFICO DOS
TITULOS EXISTENTES EM TORNO DO TESTE DAS
PIRAMIDES COLORIDAS DE MAX PFISTER

EM INGLES

1. BURDICK, J. A., The Color Pyramid Test: A critical evolution. Journal of Psychol., 1968, 70, 93-97.
2. BJERSTED, A., Warm-cool color preferences as potential auf 6.-7. Annual Convention Am. Psychol Assoc.) Abstract in: Am. Psychologist. 1959, 14. 375.
3. BJERSTEDT, A., "Warm-cool Preferences as Potential Personality Indicators." in: Percept- Mot. Skills 1960. 10 S. 31-34.
4. DILTS. M.
TAYLOR. R. E.
"The Semantic Differential of the Color Pyramid Test Instructions." in: Percept. Mot. Skills 1964. 19. 3 S. 968-70.
5. HOLTZMAN. W.H., "Personality Structure." in: Annual Review of Psychology 1965. 16 S. 143-144.
6. O'REILLY. P. O. BLEWETT. D., "Color analysis of the Pyramid Test." in: Dis. nerv. sys. 1959, 20 S. 1-3.
7. O'REILLY. P. O., HOLZINGER. R., BLEWETT. D. "The Pfister Colored Pyramid Test." in: J. nerv. ment. dis. 1957, 125 S. 385-87.
8. SCHAE, K. W., The Performance of mentally defective Children on the Color Pyramid Test. J. Proj. Techn., 1962, 26, 447-454.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

9. SCHAIE, K.W. & HEISS, R., Color and Personality. Bern/Stuttgart 1964.
10. SCHAIE, K. W., The Color Pyramid Test: A non-verbal Technique for personality Assessment. Psychological Bulletin, 1963, 60, 6, 530-547.
11. SCHAIE, K. W., & HEISS, R., Color and Personality. Ed. Hans Huber, Berne, 1964, 295 pg.
12. SCHAIE, K. W., On the Relation of Color and Personality, Journal Proj. Techn. Assessm., 1966, 30, 6, 512-524.
13. SCHAIE, K.W., Scaling the assoziation between color and mood tones. in Amer. J. of Psych. 1961, 74 S. 266-273.
14. "A Q-sort Study of color-mood Assoziation." in J. Proj. Tech. 1961, 25 S. 341-346.
15. "On the Relation of Color and Personality in J. Proj. Tech. 1966, 30, 6 S. 512-524.

EM ITALIANO

1. CATAPANO, V. D. & GAMBARDELLE, A. & FATTORE, F., Risultati dell'applicazione del teste delle Piramid a Colori ad un gruppo di epilettici. L'Ospedale Psichiatrico., 1960, 28, 2, 141-158.
2. CATAPANO, V. D., II Teste delle Piramidi: a Colori negli Schizofrenici. Rass. Stud. Psichiatr., 1960, 49, 15, 729-754.
3. CATAPANO, V. D. & FATTORE, F., Sull'impiego del test delle Piramid a Colori negli oligofrenici e nei dementi. Rid. Pat. Nerv. Ment., 1960, 81, 1, 677-695.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

4. ~~OSTERMAN~~ C. L. & MONATANINI, R., La scelta dei colori come metodo ~~psicodiagnostico~~ (Aplicazione del test delle Piramid a Colori nella infanzia ~~scuolare~~). Riv. Pat. Nerv. Ment., 1958, 79, 1, 105-131.
5. FERRARI, D. & MONTANINI, R., Applicazioni cliniche del test delle Piramid a Colori. Riv. Pat. Nerv. Ment., 1959, 80, 3, 1083-1112.
6. GENTILI, C. u. a. "Statistical evaluation of the color choice in Pfister's test administrated (span.) in Archivio di Psicologia Neurologia e Psichitria 1965, 26, 441-448.
7. LEVI - MINZI, S., Il Test della Piramid a Colori nelle psico-nevrosi. Riv. Spec. Fen., 1968, 89, 2, 292-309.
8. MINZI, S. L. & TALIAVINI, S., Proiezione di "normalita" e "anormalita" nel Test di Pfister. Riv. Sperim. di Fren., 1966, 90, 1.
9. MINZI, S.L. & TAGLIAVINI, S. "Brevi considerazioni sul linguaggio cromatico dell'ansia al test di Pfister." in Riv. Patol. nerv. ment. Ital. 1964, 85, 3 S. 440-468.
10. MONTANINI, R. & INVERNIZZI, G., Correlazioni tra scelta cromatica e rilievi clinici ed elettroencefalografici soggetti epilettici. Medic. Psicosom., 1959. IV, 5, 536-551.
11. PAVONI, M. & PAVONI-MONTANINI, L., Contributi allo studio della Psicopatologia degli epilettici con il test "Piramid di Colori".

**JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA**

EM PORTUGUESE: EMILIO AMARAL.

AMARAL, M. S.,

1. **BRAGÃO-CARVALHO, R. & CUNHA, A. J. A.,** Max Pfister comparativo entre as Pirâmides Coloridas de Pfister e o Psicodiagnóstico de Rorschach. Anais do VI. Congr. Internacional de Psicologia, Rio de Janeiro, 1960, 750-755.
2. **BONILHA, L. C.,** Resultados de um grupo de universitários de São Paulo no Teste das Pirâmides Coloridas, Rev. de Psic. Norm. e Patol., 1968, 14, 3/4, 147-163.
3. **BONILHA, L. C.,** Confronto entre os dados do Psicodiagnóstico de Rorschach e do Teste das Pirâmides Coloridas aplicadas em grupo de universitários paulistas. R. P. N. P., 1968, 14, 1-2, 48-66.
4. **BRETONES, L.,** Aplicação das Pirâmides de Cores de Max Pfister em um grupo de pacientes submetidos à psicoterapia intensiva de grupo. São Paulo, 1961 - PUCSP - tese de conclusão de curso.
5. **BONILHA, L. C.,** Contribuição à fundamentação do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister.
6. **CARBONI, Z. E.,** Confronto de um grupo de Seminaristas Maiores com um grupo de Universitários mediante o Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister, São Paulo, 1964 - PUCSP - tese de conclusão do curso.
7. **CARELLI, A.,** As Pirâmides de Max Pfister em crianças escolares (no próximo número do Boletim de Psicologia da Soc. Psic. de São Paulo).
8. **DE SOUZA, FR. P. & DE SOUZA, E. L. P.,** Diagnóstico às cegas com o Teste das Pirâmides de Cores de Max Pfister. Resumo nos Anais do Primeiro Congr. Latino-Americano de Saúde Mental, São Paulo, 1954, pg. 234.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

9. DE VILLEMOR AMARAL, F. & DE VILLEMOR AMARAL, M. S., Sobre o valor diagnóstico das Pirâmides de Cores de Max Pfister.
10. DE VILLEMOR AMARAL, F., Pirâmides Coloridas de Pfister, rio - Ed. Cepa, 1966, 1966, 174 pgs.
11. DUBOIS, M., O estudante universitário em face do teste de Max Pfister. Rev. "Veritas" da PUC do Rio Grande do Sul, 1960, 1, 3-14.
12. FALEK, J., e KOLCK, T. van, "Uma tentativa de avaliação da inteligência através do Teste das Pirâmides (em colaboração). Bol. Psicol., 1973, 25, 65, 47-56.
13. HILTMANN, H., O Teste das Pirâmides das Cores e os resultados clínicos obtidos. Porto Alegre. PUC, publicação No. 2, 1960, 3-20.
14. JUSTO, H., O Teste das Pirâmides de Cores. Porto Alegre, PUCRS., 1971, 4ª Edição., 121 pgs.
15. KOLCK, T. van, Os impulsos das Pirâmides de Max Pfister e o id no Teste IES 9 (resultados apresentados na Reunião Anual da SBPC - em Ribeirão Preto, 1964).
16. KOLCK, T. van & Souza, C. C. & BARDELLA, J. G., O Teste das Pirâmides de Max Pfister em dois grupos de delinquentes. Rev. Psic. Normal e Patol., 1966, 12, 1-2, pgs. 3-24.
17. KOLCK, O. L. van, O uso de cores em + desenhos livres de crianças. R. P. N. P., 1966, 12, 1-2, 32-49.
18. KOLCK, T. van, A "imaturidade" neurológica em adultos, estudada pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister. Bol. de Psicologia, 1966/67, 51-54, 71-80.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

19. KOLCK, T. van, L'Influence de la capacité intellectuelle dans la réalisation de Test das pirâmides coloridas de Max Pfister. bol. de Psicologia, 1968, 15, 55/56, 123-130.
20. KOLCK T. van, Vivência e Cor, Bol. Psicol., 1971, 23, 61, 59-67.
21. KOLCK, T. van, "A síndrome de propulsão nas pirâmides coloridas de Max Pfister" (em colaboração) - bol. Psicol.; 1972, 24, 64, 71-78.
22. KOLCK, T. van, "A síndrome de propulsão e o significado no Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister. comparação com o Rorschach e o PMK" (em colaboração). Bol. Psicol., 1973, 25, 65, 57-66.
23. KOLCK, T. van, "Uma experiência com o Teste YES - comparação com as pirâmides de Pfister". Bol. Psicol., 1973, 25, 65, 103-115.
24. KOLCK T. van, "A introversão-extroversão nas pirâmides de Max Pfister à luz do Psicodiagnóstico PMK e do Rorschach", 1973. Tese de doutoramento.
25. MEYER-GINSBERG, A., O Teste das Pirâmides de Cores. Rev. Psicol. Normal e Patol., 1956, 2, 2, 342-354.
26. MEYER-GINSBERG, A., O Teste das Pirâmides de Cores: sua validade e precisão. Bol. Psicol. da Soc. de Psicol. de São Paulo, 1959, 11, 36, 28-36.
27. MORAES PASSOS, A. C. & BRETONES, L., O teste das Pirâmides de Pfister na regressão hipnótica de idade. Rev. Psicol. Normal e Patol., 1961, 7, 1-2-3, 578-590.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

28. PASCARRELLI, F. R., Estudo de um grupo de esquizofrênicos pelo Teste das Pirâmides de Cores de Max Pfister, São Paulo. Unesp, 1966. Tese de conclusão de curso. Diagnostischen Ziel: 1966.

EM FRANCES

1. ANZIEU, D.: Le Test de Pyramide des Couleurs". em: Les Méthodes Projectives, P. U. F. Paris 1960.
2. BOUVARD, C., contribution a l'étude du Test des Pyramides Colorées de Pfister. Rev. Psych. Appl., 1959. IX, 4, 217-236.
3. BOUVARD, C., Le Test des Pyramides de Couleurs. Bull. de Psych., 1960, No. 171, VI, 3, 104-119.
4. CAHN, P., Le Test de la Pyramide de Couleurs. Bull. de Psych., 1960, No. 171, VI, 3, 104-119.
5. FLAS R.
Le test des pyramides de couleur de M. PFISTER. Bull. Orient. scol. profess. 1957, 6, 104-119.
6. FRIEDMANN, A., Le Test des Pyramides em Couleurs. Rorschachiana, 1952, I, 344-359.
7. STERN, E., Le Test de la "Pyramides des Couleurs" de Pfister-Heiss, Psyché, 1953, 8, 77/78, 172-188.

EM ESPANHOL

1. PINILLOS, J. L., La Pirâmide Cromática de Max Pfister. Rev. Psicol. Gen. Aplic., 1953, 8, 264-267.

**JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA**

EM ABELEMANN. 1955.

litaet der Farwen

1. ~~BECKER~~ **BECKER, A.**, ~~Ueber psychotische Affektdy-~~
~~namik im Farbpyramidentest.~~ In: Studien
~~zur Diagnostischen Psychologie~~ NO. 3.
~~Biel: Institut fuer Psycho-Hygiene.~~
1955 5-42
2. **BECKER, H.**, Psychotische Affektdynamik
in Farbpyramidentest. Ber. 19. Kongr.
Dtach Ges. Psychol. Goettingen: Hogre-
fe. 1954, 157-158.
3. **BECKER, H.**, ~~e~~ **H. KARL**, Tabellen
(Normwerte der Farbaufigkeit in
Schoenen und Haesslichen Pyramiden).
In: Studien zur Diagnostischen
Psychologie N. 3. Biel: Institut fuer
Psycho-Hygiene. 1955, 121-132.
4. **BITTERLICH-WILLMANN, H.**
Die Stabilitaet des Farbpyramidenteste
(PFISTER-HEISS). Psychol. Rdsch. 1961
12. 185-200 Vgl. MICHEL (1962).
5. **BREHMER, I.**, Eine Untersuechung zur
Zuverlaessigkeit des Farbpyramiden-
Tests. Psychol. Rdsch. 1960, 11, 109-
118.
6. **BRENGELMANN, J.C.**, Farbwahl. Verlau-
fsform und Versuchsdauer des Farbpyrami-
dentests bei normaler und abnormen
Versuchspersonen (Teil I), Psychol.
Rdsch. 1953, 4. 33-43.
7. **BRENGELMANN, J.C.**, Formale Gestaltungen
im Farbpyramidentest als Funktion
normale und abnormaler Versuchsperso-
nen (Teil II). Psychol. Rdsch. 1953.
4. 165-173.
8. **BRENGELMANN, J. C.**, **CONRADS.**, Standar-
dwahrscheinlichkeit in der Farbwahl.
Eine. Entgegnung. Z. exp. ausgen.
Psychol. 1955/563. 602-604.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

9. ~~BRUNDELSON, J.C.,~~ Farbwahl und Variabilität der Farbwahl im Farbpolyamidentest. Z. ges. Neurol. 1954. 122, 220-226.
Expressive Movements and Abnormal
17. ~~Barvieu, W. (1954) (Test: 79-80)~~
~~Barvieu, W. (1954) (Test: 79-80)~~
Handbook of
London: Pitman
Medical Publishing Co., Ltd., 1960.
10. CONRAD, K., Ueber das Problem der Farbwahl im Farbpolyamidentest bei normalen und abnormalen Versuchspersonen. Z. exp. angew. Psychol. 1954, 2, 33-50.
11. CONRAD, K. e D. JUNCKER., Ueber den Konstitutionstypologischen Wert des HEISS-HILTMANNschen Farbpolyamidentests. Z. menschl. Vererb. u. Konstitutionslehre 1954. 32, 259-276.
12. EBERMANN, H., Psychologische experimentelle Testuntersuchung als Hilfsmittel der Klinische Arbeit. Z. diagn. Psychol. 1954. 2, 143-151.
13. EBERMANN, H., Der Farbpolyamidentest (PFISTER-HEISS) als diagnostisches Hilfsmittel in der Psychiatrie. Z. Psychother. u. med. Psychol. 1955. 3, 29-37.
14. ENKE, H. Der seelische Befund bei Hyperthyreosen. Psychodiagnostisch-statistische Untersuchungen. II. Klin. Wschr. 1956. 34, 847-848.
15. ENKER, G. GERCKEN., Der seelische Befund bei essentiellen Hypertonikern. Klin. Wschr. 1955. 33, 551-556.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

16. ENKE. H., HONSEN. A.M. ROTAS.P.
"Beitrag zum psychosomatischen
Syndrom" in Die medizinische Welt
1954. 16. S. 314-320.
17. ENKE. H., W. KAPPELMEYER., Der seelische
Befund bei Polyarthritikern. Klin.
Nachr. 1957. 35, 536-540.
18. FAHRENBURG. J., PRYSTAV. G., Psychophy-
siologische Untersuchung eines
Tranquilizers nach Kovarianzanalytischen
Plan zur Kontrolle von Ausgangs-
werten u und Persönlichkeitsdimen-
sionen. in Arzneimittelforschung 1966. 16, S.
754-759.
19. FROHOF F. W., Untersuchungen mit dem
Farbpyramidentest bei Schizophrenen. Z.
exp. angew. Psychol. 1953. 1, 145-181.
20. GANAL. R., PFISTER-Test bei Psychosen.
Zbl. ges. Neurol. Psychiat. 1954. 128,
354.
21. GÜTZEIT. L.-M., Die psychologische
Untersuchung als Grenzsituation." in
Prax. d. Kinderpsych. 1963, 12, S. 90-
114.
22. HEISS, R., Der Farbpyramidentest.
Psychol. Ddsch. 1952. 3, 1-11.
23. HEISS, R., Ueber psychische Farbwirkun-
gen. Sudt. gen. 1960. 13, 379-391.
24. H. BECKLER, H. HILTMANN e I. HONSBURG
Ueber psychische Wirkungen eines
neuartigen Psychotonikums. Die
Medizinische 1956. H. 7, 260-262.
25. HEISS. R. e H. HILTMANN (Hgg.), Der
Farbpyramiden-Test nach Max PFISTER.
Eine Gemeinschaftsarbeit aus dem
Institut fuer Psychologie und
Charakterologie an der Universitaet
Freiburg i. Br. Bern: Huber, 1951.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

26. I. HONSBURG e H. KARL, Vorläufige Mitteilung ueber die Verwendung von haesslichen Pyramiden im Farbpyramidentest. Z. diagn. Psychol. 1955. 3, 106-124.
27. H. KARL e K.-H. WEWETZER, Statistik und Psychologie: Einige Bemerkungen zu den Arbeiten von J. C. BRENGELMANN. Psychol. Rdsch. 1953. 4, 159-164.
28. HILTMANN, H., Zur Syndromatik der Verlaufsformel im Farbpyramidentest. In: HILTMANN, H., LOSSEN, H., MUCHOW, B. u. WEWETZER, K.-H. (Hgg.): Verlaufsanalyse in der psychologischen Diagnostik. Bern: Huber, 1953 (110-142).
29. HILTMANN, H. e R. HEISS Der psychologisch-diagnostische Wert von Farbreaktionen. Schweiz. Z. Psychol. Anwend. 1950. 2, 441-462.
30. HOEGER, D., Untersuchung ueber die Eindrucksqualitaeten des Farbangebotes im Farbpyramidentest nach PFISTER-HEISS. in: Merz, F. (Hg.): Bericht ueber den 25. Kongress der Deutschen Gesellschaft f. Psychologie Muenster 1966. Goettingen 1967.
31. HOFSTAETTER. P.R. H. LUEBBERT., Die Eindrucksqualitaeten von Farben. Z. diagn. Psychol. 1958. 6, 211-227.
32. HOUBEN. A.M.J., Die Reliabilitaet des Farbpyramidentests. Diagnostica 1962. 8. 110-125.
33. HOUBEN A.M.J., Farbwahl - und Farberkennungsverfahren. in Handbuch der Psychologie. Bd 6 Psychologische Diagnostik. S. 744-769. Goettingen 1964.
34. HOUBEN. A.M.J., Beitrag zur Bestimmung der Interpretationsgueltigkeit des Farbpyramidentest." in: Psychol. Forschung 1963/64. 22 S. 62-148.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

35. KARL. L., Die Diagnostik der Antriebsstruktur im Farbpyramidentest. Z. exp. angew. Psychol. 1953, 1, 524-567.
36. KARL, L., Die Methodik des Mittelprotokolls in Farbpyramidentest. Z. diagn. Psychol. 1956, 4. 123-145.
37. KARL. L. e H. HILTMANN+ Diskussionsbemerkung zum Aufsatz von K. RAINIO und R. MATIKAINEN: Eine Faktorenanalyse im Farbpyramidentest. Z. diagn. Psychol. 1954, 2, 306-308.
38. KENTLER. H., Zur Problematik der Profilmethode. Diagnostica 1959, 5, 5-18.
39. KLOSKA. G., Der Neurotiker im Farbpyramidentest. Eine Kritische Untersuchung zu seinem diagnostischen Einsatz. Z. Psychosomat. Med. 1958, 5, 49-53.
40. LUTHE. W. e D.H. SALMAN., Zur Struktur und Anwendbarkeit des Farbpyramidentests nach PFISTER. Psychol. Rdsch. 1953, 4, 207-217.
41. MICHEL. L., Eine Modifikation des Farbpyramidentests: der 14-Farnensatz. Diagnostica, 1959, 5, 66-68.
42. Die Reliabilität des Farbpyramidentests. Zu einer Arbeit von BITTERLICH-WILLMANN. Psychol. Rdsch. 1962, 13, 20-32.
43. NEUMANN-KERN. V., Die Luegentendenzen und ihre Beziehung zu den neurotischen Tendenzen im MAUDSLEY-Persoenlichkeitsfragebogen. Z. diagn. Psychol. 1955, 3, 124-141.
44. O'REILLY. P.O., HOLZINGER. R. E BLEWETT. D., Der Farbpyramiden-Test. Psychol. Rdsch. 1949/50, 1, 192-194.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

45. PFISTER, R. G., TOENNESMANN e M. WEIKERT
Fruehe Kindheit im Farbpyramidentest.
In: Studien zur Diagnostischen Psychologie Nr. 3. Biel: Institut fuer Psycho-Hygiene. 1955, 43-77.
46. PFLANZ, M., Zur Methodenlehre der
Pharmakopsychologie Z. exp. angew.
Psychol. 1954, 2, 514-551.
47. RAINIO, K. e R. MATIKAINEN., Eine
Faktorenanalyse im Farbpyramidentest.
Z. diagn. Psychol. 1954, 2, 292-303.
48. SACHER, H., Zur Testpsychologischen
Querschnittsdiagnostik und statistischen
Auswertetechnik Z. exp. angew. Psychol.
1953, 1, 459-479.
49. SACHER, H., Einige Loesungen bei
Hebephrenen im Pyramidentest mit
geordnetem Farnangebot. Z. exp. angew.
Psychol. 1955/56, 3, 547-574.
50. SCHAE, K.W., Die Validitaet des
Farbpyramidentests. Diagnostica 1962,
8, 141-182.
51. SEYFRIED, H., Der Farbpyramidentest
(nach PFISTER). Wiener Arch. Psychol.,
Psychiat Neurol. 1953, 3, 139-147.
52. SEYFRIED, H., Unauffaellige und
schwerwuegliche Knaben im Farb-
pyramidentest (nach Max PFISTER). Z.
exp. angew. Psychol. 1957, 4, 245-273.
53. SPREEN, O., Die Deutung der
Nichtspektralfarben im Farbpyramiden-
test. In: Studien zur Diagnostischen
Psychologie No. 3 Biel: Institut fuer
Psycho-Hygiene. 1955. 79-120.
54. STERN, E., Neuere experimentelle
Methoden zur Untersuchung der
Affektivitaet und des Charakters (III).
Forstschr. Neurol. Psychiat. 1954. 22,
1-28.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

55. STERN, E., Der Farbpyramidentest von PFISTER-HEIIS In: E. STERN (Hg.). Die Tests in der Klinischen Psychologie II. Zurich. Rascher. 1955, 462-484.
56. WEWETZER, K.-H., Verlaufstypen im Farbpyramidentest. In: HILTMANN, H., LOSSEN, H.; MUCHOW, B. u. WEWETZER, K.-H.: Verlaufsanalyse in der psychologischen Diagnostik. Bern: Huber. 1953, 59-99.
57. WEWETZER, K.-H., Des hirngeschaedigte Kind. Stuttgart 1959.
58. WEWETZER, K.-H., Zum Problem der faktoriellen Gueltigkeit projektiver Testverfahren. Schweiz. Z. Psychol. Anwend. 1961, 20, 238-25.
59. WEWETZER, K.-H., Verlaufsanalyse mit dem Farbpyramidentest. Ber. 19. Kongr. Dtsch. Ges. Psych. Gottingen, 1954, 156-157.
60. WITTENBORN, J. J., Die Relativitaet der Farbwahlen. Die aufgegliederte Verlaufsformel, Farbstruktur und 3 Figuren-Test (3 F.T.). Rorschachiana 5, 379-393 (o.j.).
61. ZIOLKO, H. U., Farbpyramidentest-Untersuchungen bei Neurotikern. Z. diag. Psychol. 1956, 4, 271-276.
62. ZIOLKO, H.U., Untersuchungen zum sogenannten "Stimulationssyndrom" im Farbpyramidentest. Psych. Beitrage 1962, s. 402-406.

JUSSARA FALEK BRAUER
O TESTE DAS PIRAMIDES COLORIDAS
UMA RELEITURA

EM HOLANDES

1. A.H.G.S. VAN DER VEN., Kleurenvoorkeur
Een faktorenanalyisch Onderzoek met
Behulp van de Kleuren van de Farb
Pyramide-Test Nederlands Tijdschrift
voor der Psychologie en haar
Grensfobieden 1967, 2, 70-97.